José Machado Pais*

Vida amorosa e sexual

1. INTRODUÇÃO

A vida amorosa, em todo o seu mistério, é dificilmente definível, fugidia às racionalizações. Na sua mais plena intimidade, parece apenas poder ser pressentida, intuída, vivida. Mas nem por isso deixa de ser sondável ou sociologizável. Estranho é que a sociologia tenha desprezado ou deixado à margem este universo que a todos nos toca, tão afectuosamente, até mesmo aos sociólogos, como o reconhece Stevi Jackson: «Even sociologists fall in love» — é o título de um seu sugestivo artigo publicado na revista Sociology, (1) dando cobro ao ditado («nunca é tarde para amar»...) que valida a possibilidade de descoberta de amores tardios.

O que se passa com a vida amorosa passa-se também com a sexualidade. Tão presente (na vida real) e simultaneamente tão ausente (nos estudos sociológicos). Presença socialmente disseminada: rentabilizada no comércio pornográfico, na publicidade, na literatura; racionalizada em revistas de «educação sexual»; pedagogizada em discursos eclesiásticos; divulgada, recontada, idealizada, segregada. Mas tão ausente das análises sociológicas. Como se de um terreno ainda «virgem» se tratasse. (2)

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e ISCTE.

Stevi Jackson, «Even sociologists fall in love: an exploration in the sociology of emotions», in Sociology, vol. 27, n.º 2, Maio de 1993, pp. 201-220. Mas, como lan Craib também o sugere, comentando o arrigo de Jackson, quando os sociólogos se apaixonam pelo estudo do amor tendem a reduzir a vida emocional aos seus aspectos sociológicos (oflando para a emoção apenas como uma «construção social» ou adaptando a perspectiva da ideologia dominante das emoções. Cf. Ian Craib, «Some comments on the meiology of the emotions», in Sociology, vol. 29, Fevereiro de 1995, pp. 151-158.

Vern L. Bullough, Sex. Society and History, New York, Science History Publications, 1976.

Me no na Psicologia Social, só recentemente (a partir dos anos 70) a sexualidade se constituiu em objeto central de pesquisa. Cf., a este propósito, Valentim R. Alferes, Encenações e Comportamentos Sexuais.

Para uma Psicologia Social da Sexualidade, Porto, Edições Afrontamento, Centro de Estudos Sociais, 1997.

Muitos sociólogos têm estudado as relações pré-nupciais, a escolha de cônjuges, o funcionamento das famílias, o divórcio, a reconstrução das famílias lias... mas pouco se sabe sobre a vida amorosa e a sexualidade. Apenas o que se circunscreve ao parentesco, casamento, família, proibição de incesto, em alguns casos numa perspectiva que Foucault qualifica de «repressiva» e «urilitarista». (3) E, no entanto, a compreensão sociológica da sexualidade (ou das sexualidades) ajudar-nos-á, certamente, a melhor compreender a sociedade em que vivemos, uma vez que os discursos sobre a sexualidade são, inerentemente discursos sobre algo mais do que o sexo: género, poder, simbolismo, identidade etc. (4) Aliás, não é por acaso que, mais recentemente, os valores relacionados com a sexualidade têm alimentado debates políticos sobre o aborto, as mãos solteiras, o divórcio, etc.

O amor é um jogo - diz-se - mas é também uma prática de poder orientada sobre o saber e o sentir de outros que a Sociologia deve explorar. Quais as sexualidades da sexualidade e os amores do amor na sua pluralidade conjugatória? Questões pertinentes, uma vez que os comportamentos e estilos de vida familiares, incluindo as atitudes perante a sexualidade e as relações amorosas, constituem uma das importantes dimensões do processo de mudança social das últimas décadas, desempenhando um papel estratégico na configuração de novas orientações normativas que tendem a cristalizar-se em novas formas de vivência da sexualidade, do amor e do casamento.

As representações sociais sobre a sexualidade e a vida amorosa interessam--nos ainda na medida em que, através delas, podemos melhor perceber a natureza «construtivista» de ambos os fenómenos, em várias dimensões sociais.¹⁵¹ De facto, a rejeição da «hipótese repressiva», por parte de Foucault, (6) convida-nos a olhar a sexualidade e a «linguagem» do amor como discursividades. As críticas dirigidas à «hipótese repressiva», que tanto contribuíram para desmistificar uma era como a vitoriana - que não apenas se caracterizou por uma repressão da sexualidade mas também contemplou uma ampla produção, categorização e multiplicação dos discursos sobre a sexualidade («dispositivos da sexualidade») - sugerem-nos que se, na verdade, há uma «sexualidade reprimida», o importante é descobrir porque se produz tal afirmação e se reproduz a representação. A diferentes formas de sexualidade associam-se, com efeito, diferentes formas discursivas e representacionais.

Os dados do inquérito realizado, permitem-nos, pois, explorar as referências normativas dos inquiridos, deixando entrever alguns dos muitos aspectos da vida sexual e amorosa dos portugueses: os interditos da sexualidade; as suas valorações; as condições necessárias e suficientes para o relacionamento sexual; a iniciação sexual (quando, onde e com quem); os métodos contraceptivos; as atiludes face à SIDA; as permissividades sexuais (o aceitável e inaceitável); e. finalmente, alguns aspectos relacionados cor a pornografía. A problemática de partida movia-nos na tentativa de descobrir diferentes morais sexuais em differentes contextos sociais.

As dimensões analíticas entretanto construídas arrastavam algumas hipótes de investigação: a difusão da planificação familiar teria ajudado à modulação de uma nova sexualidade (a hipótese inversa não faz menos sentido...)? As affudes em relação à sexualidade seriam de natureza mais «romântica» ou mals hedonista? Com valências mais confluenciais ou conflituais? A «hipótese da diversidade» prevaleceria sobre a «hipótese repressiva»? As jovens gerações estarum a aderir a uma nova etica sexual?

Nas questões relacionadas com a sexualidade, é de rejeitar a ideia que a tonia simplesmente, como qualquer imaginável libido natural. Embora a sexualidade seja vivida corporalmente, os corpos e os seus fazeres possuem um significado cultural. A sociologia da sexualidade não é, pois, a sociologia de um acto meramente biológico. As normatividades da vida sexual e amorosa encontram e, de facto, prescritas e proscritas por diversos espaços, tempos, modos e rito. A própria inquirição sociológica destes temas não deixa de ser problemática. Quando realizámos o pré-teste do questionário, alguns entrevistados achanim indiscretas algumas das questões colocadas. Na versão final do questionario decidiu-se que apenas uma parte dessas questões fossem directamente colocudas aos inquiridos. Quanto às de teor mais «reservado» ou «delicado», os entrevistadores foram instruídos para que, sempre que notassem algum embaraço por parte dos respondentes, adoptassem uma estratégia facilitadora: entregavam-lhes uma folha com as questões mais «problemáticas» e um envelore para que as devolvessem devidamente re pondidas, com portes de correid pagos e anonimato garantido.

A percentagem de não respostas foi, contudo, bastante significativa, como adiante se verá. Em termos quantitativos e qualitativos. O grosso dos não-respondentes do nosso inquérito tem um perfil sociológico bem preciso-integrando mulheres, idosos e católicos, com baixo nível de qualificações académicas e residences em habitat rural. As respostas através das não-respostas não deixam de ser illustrativas. Constituem importante fonte de informação ao poderem ser consideradas como indicadores de «exclusão social».(7) A análise destas não-

⁽i) Michel Foucault, Historia de la Sexualidad, Madrid, Siglo Veintiuno de España Editores, 1980 É espantoso que a sociologia da familia trate em profundidade a nupcialidade, as negociações conjugals a dissolução do matrimónio... passando completamente ao lado da sexualidade. Cf., a este proposito François de Singly (Dir.), La Famille. L'État des Savoirs, Paris, La Découverte, 1991.

⁽⁴⁾ William Simon, Postmodern Sexualities, London e New York, Routledge, 1996.

⁽⁵⁾ L. Tiefer, «Social constructionism and the study of human sexuality», in P. Shaver & C. Hendrick (Eds.), Sex and Gender, Beverley Hill, Sage, 1987

⁽⁶⁾ Michel Foucault, Historia de la Sexualidad.

¹¹ Cl Francis e L. Bush, «What we know about 'I don't knows'», in Public Opinion Quarterly, 39 (2), 1975, pp. 207-218 e Alain Giami, «Partial non-response and 'don't know' responses in surveys on sexual schaviours, in Social Science Information, 35, 1, 1966, pp. 5-13.

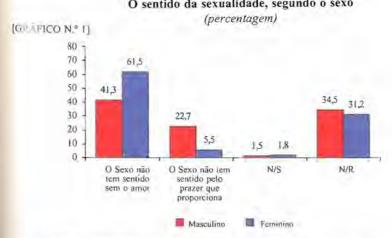
Opiniões sobre as relações sexuais (percentagem)

OUADRO N.º 1]

Opiniões	%
O sexo não tem sentido se não houver amor	52.
U sexo tem sentido em si mesmo, pelo prazer que proporciona	13.
N/S	1.6
WR.	32.7
A sociedade deveria só permitir as relações sexuais entre homens e mulheres	48.5
sociedade deveria permitir todos os tipos de relacionamentos sexuais	14
/\$	2.8
VR	24.4
Ima pessoa só deve ter relações sexuais depois de estar casada	18.2
Au relações sexuais antes do casamento são perfeitamente aceitáveis	46.0
\S	2.3
1R	33.4
adultério pode ser tolerável em determinadas circunstâncias	21.
adultério è sempre uma infidelidade reprovável	40.2
45	3.5
N. R. Janes Company and Compan	35.1

nilidade»).(10) Para a maioria das mulheres, o sexo apenas tem sentido com amor; entre os homens não existe uma tal unanimidade, já que uns (41.3%) associam o sexo ao amor enquanto outros (22.7%) o associam ao prazer (grafico n.º 1). Estas representações poderão, grosseiramente, indiciar uma economia doméstica de amor em que ante a um possível sentimento acusatório da mulher («dás-me amor em troca de sexo») o homem responderia («dás-me se o porque queres amor») na base de uma relação de troca desigual.

O sentido da sexualidade, segundo o sexo



[&]quot;Cf. A. Oakley, Sex, Gender and Society, Hampshire, Gower Publishing, 1985. A necessidade me dologica desta distinção tem sido, contudo, recentemente posta em causa com o argumento de que Os dois termos correspondem a «construções discursivas»: John Hood-Williams, «Goodbye to sex and Semilero, in The Sociological Review, vol. 44, n.º 1, Fevereiro de 1996.

respostas passa, afinal, pela explicação da «gestão social dos silêncios» (8) Essas respostas não ditas (ou ditas em forma de silêncio...) são, como outras metáforas do sexo, uma forma de simbolização do social, uma manifestação de resistência relativamente a uma determinada economia da ordem, da contenção, dos filtros normativos que regulam a vida amorosa e sexual. E quanto às respostas que nos foram dadas restam sempre algumas dúvidas sobre a sua fidedignidade, uma vez que não é necessariamente directa a relação entre a experiência e a expressão das emoções. Neste sentido, as hipóteses de interpretação levantadas devem ser olhadas com devido relativismo. Mas os receios em inquirir um domínio tão problemático não deverão desencorajarnos de tentar interpretá-lo.

2. OS «INTERDITOS» DA SEXUALIDADE

Começámos por querer saber como os inquiridos reagiriam a algumas representações correntes - embora divergentes - sobre as relações sexuais. Contudo, mais de 30% dos inquiridos esquivaram-se à resposta. Queríamos saber que associações fariam entre o sexo, o amor e o prazer, para além do questionamento que propúnhamos relativamente a algumas representações a propósito da heterossexualidade, das relações matrimoniais e do adultério. Se os que ousaram responder a estas questões da vida amorosa e sexual foram os inquiridos mais desinibidos, a interpretação dos resultados desta área do Inquérito não pode deixar de contemplar tal ocorrência.

Entre os que responderam à primeira questão sobre relações sexuais (quadro n.º 1) perfilam-se algumas tendências relativamente maioritárias: para começar, 3 em cada 4 dos respondentes diz que o sexo não tem sentido se não houver amor; apenas 13.5% opina que o sexo tem sentido em si mesmo, pelo prazer que proporciona. Percentagem semelhante (14.3%) diz respeito aos que pensam que a sociedade deveria permitir todos os tipos de relacionamento sexual (heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade) contra os que, em percentagem bem mais elevada (48.5%), pensam que a sociedade só deveria permitir relações sexuais entre homens e mulheres. Finalmente, as relações antes do casamento são aceitáveis por 46% dos inquiridos mas apenas 21.2% toleram adultério.(9)

O sexo não tem, contudo, o mesmo sentido ao considerar-se o género dos inquiridos, sendo pois importante confrontar as distintas gramáticas do sexo e do género, dando cabimento à já clássica distinção entre efeitos de sexo (relativos a diferenças biológicas entre homens e mulheres) e efeitos de género (relativos a diferenças culturais que distinguem a «masculinidade» da «femi-

⁽⁸⁾ François de Singly, «La Gestión Social de los Silencios», in Revista Española de Investigaciones Sociológicas, n.º 17, 1982, pp. 112-136.

⁽⁹⁾ De notar que estas percentagens tomam como universo o conjunto de todos os inquiridos, incluindo os que optaram por não responder.

É também possível que, entre as mulheres, o prazer se funda (ou confunda) com o amor, isto é, que o sexo se reduza ao «amor sexual»; enquanto que, para os homens, o desfrute do prazer parece não implicar a necessidade de um envolvimento amoroso. Mesmo levando em linha de conta que a palavra «amor» não tem o mesmo significado para homens e mulheres, (11) estas parecem investir bastante mais no que em sentido lato se pode entender por amor. Não se trata. evidentemente, de uma característica inata ou biológica mas, tão-somente, do produto de uma identidade feminina socialmente construída em torno do «sensível» e do «afectuoso» à qual as próprias mulheres procurarão dar um sentido valorativo, uma vez que a sociedade continua a desvalorizá-las noutros campos da vida social. Aliás, diversos estudos têm acentuado as limitações que os homens têm em exteriorizar as suas emoções e afectos, (12) veiculando também a ideia de que tendem a isolar a sexualidade da esfera do amor e da paixão. 1151 Ou seja, para alguns homens a actividade sexual aportará gratificações outras que não apenas, ou predominantemente, as afectivas - as quais serão mais valorizadas pelas mulheres.

A condição social influi também sobre algumas representações (ou verbalizações de normas) da sexualidade (quadro n.º 2). Quanto mais baixo é o status social dos inquiridos mais se defende a exclusividade das relações entre homens

Opiniões sobre as relações sexuais, segundo o status (percentagem)

IOUADRO N.º 21

		Stat	us	
Opiniões		Médio Superior	Médio Inferior	Baixe
O sexo não tem sentido se não houver amor	47.9	52.1	52.6	52.9
O sexo tem sentido em si mesmo	25.5	15.4	11.0	11.1
N/S	0.0	0.7	2.1	2.5
N/R	26.7	31.8	34.3	33.5
A sociedade só deveria permitir as relações entre homens e mulheres	33.3	42.6	51.2	55.1
A sociedade deveria permitir todos os tipos de relacionamento	32.1	21.4	10.4	7.0
N/S	4.2	1.9	3.1	3.0
N/R	0.3	34.0	35.3	34.8
Uma pessoa só deve ter relações sexuais depois de estar casada	9.1	10.9	18.8	27.0
As relações sexuais antes do casamento são perfeitamente aceitáveis	62.4	55.3	43.7	35.3
N/S	1.2	1.9	2.9	2.3
N/R	27.3	31.9	34.6	35,3
O adultério pode ser tolerável em determinadas circunstâncias	30.3	22.6	21.3	17.1
O adultério é sempre uma infidelidade reprovável	40.0	40.4	39.3	41.2
N/S	1.2	3.5	3.2	4,4
N/R	28.5	33.5	36.2	37.4

"S. Beauvoir, The Second Sex, Harmondsworth, Penguin, 1972

(12) M. V. Cicone e D. N. Ruble, «Beliefs about Males», in Journal of Social Issues, 34 (1), 1978, pp. 5-16 A. E. Gross, "The male role and heterosexual behaviours, in Journal of Social Issues, 34 (1).

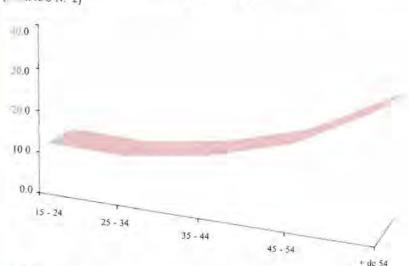
1978, pp. 87-107.

e mulheres e se rejeitam as relações pré-matrimoniais. O adultério parece rambém ser mais tolerável entre os inquiridos de condição social superior, Ficamos, no entanto, por saber - independentemente das variáveis analíticas consideradas - se haverá ou não uma colisão de interesses entre os valores da limília, o prazer da sexualidade e a satisfação das liberdades individuais.

Logicamente que, numa sociedade governada por uma moral rígida, como foi a sociedade portuguesa até aos anos 70, teriam de surgir manifestações pouco tolerantes quanto às relações pré-matrimoniais para os inquiridos que sentiram o «efeito de periodo» dessa moral. As mais velhas gerações acabam por ainda veicular essa mentalidade interditória. Contudo, a geração que chegou à puberdade ao longo dos anos 80 dá mostras de uma maior tolerância perante a possibilidade de as relações sexuais ocorrerem antes do casamento (gráfico n.º 2). Convêm no entanto alertar para o facto de as clivagens intergeracionais serem, neste campo, mais profundas na realidade do que aparentam pelos dados do inquérito, uma vez que entre os não-respondentes encontramos maioritariamente inquiridos das gerações mais velhas, eticamente mais con-

Inquiridos que opinam que uma pessoa só deveria ter relações sexuais depois de casada, segundo o grupo etário (percentagem)

[OHAFICO N.º 2]



Aliás, diversos factores têm contribuido para uma maior recorrência das relações pré-matrimoniais, como o prova a teoria dos «meios, motivos e oportunidades». Baseado em algumas teorias criminológicas e comparando os factores que levam ao crime com aqueles outros que viabilizam as relações prématrimoniais, Robert Walsh⁽¹⁴⁾ conclui que, em ambos os casos, os *meios*, os *motivos* e a *ocasião*... fazem o «ladrão» (é conveniente algemar o *ladrão* com «aspas» uma vez que persiste ainda a representação social que culpabiliza os homens – mesmo quando tentados – pela perda de virgindade das mulheres). No caso da sexualidade, Walsh sustenta que os *meios* manifestam-se, entre os jovens, a idades mais precoces (mais rápida maturidade biológica); os *motivos* são incrementados por «holofotes» publicitários (TV, cinema, vídeos, música) criando uma cultura fortemente sexualizada ou erotizada; quanto às *oportunidades* não vão faltando: ou pela crescente incorporação da mulher no sistema educacional e no mercado de trabalho, ou porque os filhos ficam em casa mais «à-vontade», ou porque a divulgação dos métodos contraceptivos afasta o temor de gravidezes indesejadas.

Neste campo, contudo, várias moralidades se confrontam: para as mulheres é ainda defendida uma virtuosidade que pressupõe abstinência fora do quadro das relações matrimoniais. As mulheres sexualmente muito «vividas» continuam a merecer um olhar de desconfiança e reprovação por parte da sociedade «respeitável». Em contrapartida, os homens desfrutam de uma maior permissividade, não apenas antes como depois do casamento. O adultério, por exemplo, quando praticado pela mulher, é visto ainda como uma transgressão imperdoável, nada comparável ao adultério praticado pelos homens, tomado como uma fraqueza — lamentável mas perdoável. (15)

Quanto à iniciação sexual, ela tem-se antecipado bastante à inserção conjugal. Como adiante veremos, os mais jovens chegam ao casamento com uma já longa experiência sexual, o que não acontecia, em tão larga extensão, com as mais velhas gerações, nomeadamente as mulheres. Outrora, havia uma transição mais brusca entre um pequeno período de (possível) iniciação sexual e o casamento. A iniciação sexual entre os jovens baseava-se em encontros furtivos e clandestinos. Actualmente, a sexualidade é, entre as jovens gerações, normalmente experimentada antes do casamento.

Entre um modelo de abstinência e um modelo de permissividade – com ou sem presença de amor –, (16) os portugueses parecem viver num modelo de padrão-duplo, de natureza mais ortodoxa que transicional, ou seja: permissividade para os homens contra uma relativa abstinência para as mulheres. Contudo, não obstante a vigência deste padrão-duplo, hoje em dia é menos dramatizada a possibilidade de as mulheres poderem ter relações pré-matrimoniais. Por outras palavras, parece esbater-se a secular equivalência entre o feminino e a espera ou a resignação.

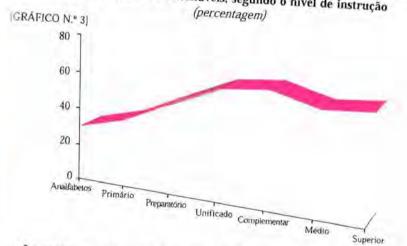
(i3) Robert H. Walsh, «Premarital sex among teenagers and young adults», in Kathleen Mckinney e Susan Specher (Ed.), Human Sexuality. The Societal and Interpersonal Context, New Jersey, Ablex Publishing Corporation, 1994, pp. 162-186.

do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Estudos e Investigações, 1, 1994.

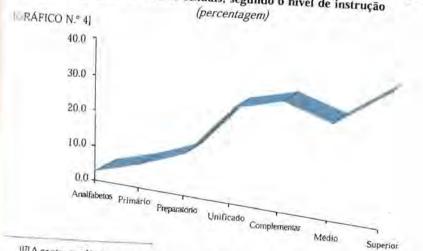
(16) C. Darling, D. Kallen e J. Van Dusen, «Sex in Transition of Youth and Adolescence», in Journal of Youth and Adolescence, 13, 1984, pp. 385-399.

Por seu lado, a um maior nível cultural dos inquiridos parece associar-se uma maior permissividade quer quanto às relações sexuais antes do casamento de quanto à ideia de que a sociedade deveria permitir todos os tipos de relacionamento sexual (gráficos n.º 3 e n.º 4). Como vemos, as atitudes perante a sexualidade não podem ser interpretadas fora de determinados contextos sociais e culturais.

Inquiridos que opinam que as relações sexuais antes do casamento são perfeitamente aceitáveis, segundo o nível de instrução



Inquiridos que opinam que a sociedade deveria permitir todos os tipos de relacionamento sexuais, segundo o nível de instrução



⁽¹⁷⁾ A contra-tendência manifestada entre os que possuem um grau de ensino médio deve ser lida como um «efeito de geração», uma vez que é entre os inquiridos mais idosos que predomina este grau de ensino.

Aliás, como é sabido, o próprio adultério não tem sempre a mesma carga de reprovação. Depende dos contextos. Algumas tribos australianas, no noroeste do continente, julgariam muito «avarento» um homem que recusasse emprestar a sua mulher a outros maridos potenciais, no decurso de algumas cerimónias, Por outro lado, entre os Nayar, população da Índia da costa do Malabar, o casamento prefigurav: ıma cerimónia predominantemente simbólica, sem laços permanentes entre os injuges. A mulher casada tinha tantos amantes quantos quisesse e as crianças pertenciam à linha materna. A autoridade familiar e os direitos sobre a terra não eram exercidos pelo marido - personagem apagada mas pelos irmãos das esposas. Em contrapartida, na sociedade em que vivemos, a institucionalização das relações amorosas através do casamento, cria uma rede precisa de direitos e proibições sexuais que fazem brotar um conjunto variável e diversificado de sentimentos como o afecto, o respeito, o medo ou o ciúme. As relações amorosas arrastam, por vezes, tendências centrífugas que vão de dentro para fora, mas que necessitam de estímulos exteriores para se porem em marcha. Os ciúmes podem ser um desses estímulos exteriores capazes de fazer acender a «chama do amor». Mas há modas nos sentimentos. O sentimento amoroso, e outros que lhe estão próximos - como o ciúme causado pelo risco de adultério - têm a sua evolução e história. Como na história da arte, sucedem-se os estilos. Cada época possui o seu estilo de amar. E em cada época os estilos variam: com a origem social, o género, a posição religiosa, o nível cultural.

3. AS VALORAÇÕES DA SEXUALIDADE

Os filósofos gregos distinguiam, na possessão amorosa, o efeito *Eros* do efeito *Afrodite*: o primeiro indicava a atracção irresistível pelo ser amado, o segundo a sua possessão carnal. Na Antiguidade, manifestou-se a tendência – evidente em Platão e Plutarco – para criar uma erotismo independente da corporeidade, privilegiando o Eros em relação a Afrodite e atribuindo-lhe um efeito fundamentalmente imaterial e desejante. A questão que actualmente se pode discutir é a de saber se o «amor romântico» corresponderá ou não a uma modalidade legítima ou socialmente aceitável de desejo erótico.

Posta a questão noutros termos: será que o amor tem vindo a adquirir um valor autónomo que legitima a sexualidade como sua expressão natural? Muito depois do platonismo, ele houve um período romântico, o *romantismo*. Foi uma época em que os romances constituíam o género literário mais cultivado e apreciado. Mas correspondiam os romances à realidade? Passou o casamento a estar sujeito à imprevisibilidade da paixão? De facto, se o «amor paixão» se configurou, alguma vez, como um código de amor em geral⁽¹⁸⁾ – o que terá

munido da sua dimensão carnal e electiva, terá adquirido, no sociedade moderna, uma força anti-institucional análoga àquela que possuía o «amor cortês» na época medieval. Aliás, o amor-paixão tem sido interpretado como uma tentativa de reintrodução, na civilização cristã, de trenicas arcaicas de êxtase que a Igreja sempre rejeitou. E, contudo, ao que netualmente se assiste é a uma suavização da paixão. Os sociólogos da juventude têm constatado que, hoje em dia, não são os pais que se opõem às paixões imparáveis de «romeus» e «julietas»; são estes que, livres de paixões, preparam a sua «vida em comum» enquanto os pais se questionam, em soutedo, sobre onde está o amor.

Os dados do Inquérito realizado sugerem um relativo equilíbrio entre as dimensões «romântica» e «erótico-hedonista» da sexualidade (quadro n.º 3). O sumatório do conjunto de indicadores que foram agregados para caracterizar a dimensão *erótico-hedonista* – o prazer sexual (29.6%), a satisfação sexual do parceiro (15.8%), o erotismo (3.7%), o orgasmo (5.4%), o domínio das técnicas sexuais (1.7%) e a satisfação de uma necessidade biológica (12.2%) – resulta numa percentagem (68.4%) muito semelhante àquela (63.5%) que deriva do sematório dos dois indicadores retidos para caracterizar a *dimensão romântica*: o umor entre parceiros (46.3%) e o envolvimento romântico (17.2%). Por outro lado, as dimensões *romântica* e *erótico-hedonística* são muito mais valorizadas que as dimensões *procriativa* (reprodutora) e *preventiva*.

Aspectos mais importantes nas relações sexuais

(percentagem)

[OLADRO N.º 3]

Aspectos	%
Dimensão romântica	1-1
amor que existe entre parceiros	46.3
U divolvimento romântico	17.2
Dimensão erótico-hedonista	
Orazer sexual	29.6
artsfazer sexualmente o parceiro	15.8
Tofismo	3.7
O orgasmo	5.4
domínio das técnicas sexuais	1.7
satisfação de uma necessidade biológica	12.2
Dimensão procriativa (reprodutora)	111
or filhos	23.6
L nensão preventiva	100
ao apanhar SIDA ou doenças venéreas.	9.3
Não provocar uma gravidez indesejada	8.3
N/S	4.0
VR.	16.1

⁽¹⁸⁾ N. Luhmann, L'Amour Comme Passion, Paris, Flammarion, 1991.

Contudo, tomando os indicadores isoladamente, a maioria relativa dos inquiridos (46.3%) o que mais valoriza é o amor entre parceiros. Considerando, no entanto, a importante valorização da dimensão erótico-hedonista, o que os dados do Inquérito nos sugerem é que a própria trivialização do sexo terá permitido uma significativa ressurreição do sentimento. Mas é também provável que esta centralidade do amor possa fluir a montante e a juzante da ideologia da manutenção da monogamia heterossexual, do casamento patriarcal e da institucionalização do casamento e da vida familiar. De facto, a ideia de que a existência de «amor» é uma garantia de «eleição livre» de um parceiro conjugal, é uma ideia que tem sido frequentemente difundida como uma peculiaridade do Ocidente, dominado pelas liberdades individuais do capitalismo. O «mercado da economia liberal» encontraria, deste modo, correspondência com o «mercado das emoções livres».⁽¹⁹⁾

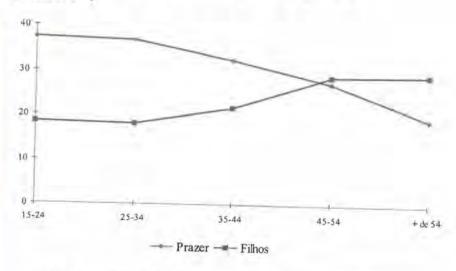
No entanto, a ideologia do amor romântico pode brigar com a ideologia da união monogâmica. Isto é, embora o amor romântico possa desembocar em lances conjugais pode também contribuir para desenlaçá-los. E assim sendo, a fixação na dimensão amorosa pode interpretar-se como um maior investimento nas relações pessoais em detrimento das estruturas que a envolvem.

Aliás, apenas cerca de um em cada quatro dos inquiridos associa as relações sexuais à dimensão procriativa. O matrimónio não é pois encarado como o lugar de uma sexualidade orientada para a reprodução. Por duas principais razões: porque essa reprodução escapa aos limites do matrimónio e porque este pode deliberadamente afastar-se da função de procriação.

Em teoria, no comportamento sexual sempre se distinguiu entre prazer e procriação. No entanto, nos mais recentes nexos de vinculação da intimidade à sexualidade, esta tem assumido uma dupla constituição: como meio de realização própria e como instrumento primordial de expressão de intimidade. Como bem o observou Giddens, a sexualidade transformou-se, então, num ponto de referência fundamental para a «experiência» – expressão que, entre os jovens, adquire um especial significado em relação à vida sexual. (2 0) Com efeito, é entre os jovens que se verifica uma maior valorização do prazer sexual enquanto que as mais velhas gerações (abrangendo inquiridos com mais de 45 anos) são mais propensas a associar as relações sexuais à procriação (gráfico n.º 5).

«Prazer sexual» e «ter filhos» são aspectos importantes nas relações sexuais, segundo o grupo etário

[GRÁFICO N.º 5]



Aliás, mesmo entre as mulheres, o modelo da maternidade parece já estar cedendo lugar ao modelo da beldade. O ideal da mulher, provavelmente, já mão é ter filhos e cuidar deles, numa lógica subordinada à domesticidade, mas fazer tudo para se manter bela. Pelo menos, os ritos de beleza, para algumas mulheres, têm substituído os ritos religiosos ou adquirido uma configuração de natureza para-religiosa: há verdadeiras cruzadas pelo controlo de peso; a pomida e os doces são uma tentação a que se procura fugir; os jejuns religiosos dia o lugar aos jejuns dietéticos; os regimes alimentares são objecto de crenças, de mistificações, de fé; aos esteticistas confessam-se as angústias das rugas, borbulhas e flacidez da pele; os Evangelhos são substituídos pelas revistas de meleza («siga religiosamente as instruções»...); as balanças são os actuais cunfessionários de pecados alimentares; os ginásios são os locais de culto desse «deus» que nos reveste e que é o nosso corpo e através do qual se protationiza a sexualidade. (21)

É ainda de Giddens a tese que sustenta que nos tempos da modernidade issistimos a uma redução da paixão ao âmbito sexual, apartado por sua vez da intrusão pública. (22) E na sexualidade, os aspectos mais relevantes parece serem equeles que relevam a coitocentricidade do sexo, centrado na penetração, nas

M. Bertilsonn, «Love's Labour Lost? A Sociological View», in Theory, Culture and Society, 1968,

⁽²⁰⁾ A. Giddens, The Transformation of Intimacy, Cambridge, Polity Press, 1992 (tradução portuguesa pela Celta, Ociras, 1995).

⁽²¹⁾ Sobre estes investimentos de «imagem», Cf. José Machado Pais (coordenação científica), Práticas Inlturais dos Lisboetas...

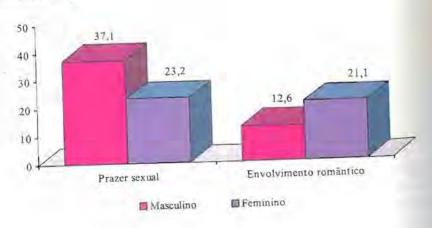
A. Giddens, The Transformation of Intimacy.

relações sexuais. Aliás, a problematização do «coito» constituiu-se no aspecto central da Sexologia, às voltas com os casos de *impotência* e de «disfunções» sexuais femininas como a *dispareunia* ou o *vaginismo*.

Como quer que seja, globalmente, os portugueses parecem ter uma atitude ambigua em relação à sua sexualidade, balanceando-a entre uma dimensão erótico-hedonista e uma dimensão romântica, ainda que possamos admitir que, para as mulheres, o amor e o prazer sexual estejam mais em associação do que no caso dos homens – mesmo quando o amor rompe com a sexualidade para melhor a adoptar, pressuposto básico da paixão, tal como é definida por Luhmann. (23) Mas também é possível (gráfico n.º 6) que uma relativa desvalorização do prazer sexual por parte das mulheres (quando comparadas aos homens) derive do facto de o prazer sexual, para muitas delas, continuar intrinsecamente ligado a medos: de gravidezes, doenças infecto-contagiosas, perda de respeitabilidade. Em contrapartida, a sua maior valorização do amor romântico pode resultar do facto de toda a envolvência romântica aparecer marcada por uma premência que pressupõe uma ruptura ilusionante com a rotina de uma vida quotidiana monótona e banal, da qual uma boa parte das mulheres se pretenderá libertar, amarradas que estão a uma domesticidade constrangedora.

«Prazer sexual» e «envolvimento romântico» são aspectos importantes nas relações sexuals, segundo o sexo

[GRAFICO Nº 6]



IN. Luhmann, L'Amour Comme Passion.

Mas nessas «amarras» algumas pensarão também viver, com felicidade, o mito la «maternidade» alimentador de valores próximos ao do amor romântico. Provável, ainda, é que a maior valorização da dimensão romântica por parte das mulheres lhes sirva para validarem moral e emocionalmente a sua sexualidade, desfazendo contradições nem sempre facilmente resolúveis. Os homens serão comparativamente mais «iletrados» no campo do «romanticismo» porque, justamente, não tiveram necessidade de apreender as narrativas amorosas que, preferencialmente ou exclusivamente, são dirigidas às suas companheiras, numa ocialização que as orienta para uma «cultura de romance». Nesta cultura, o amor medomina sobre a sexualidade, assumindo-se em manifestações de natureza mais relacional ou confluencial. (24) O que não significa necessariamente ausência de erotismo. Ou melhor, é possível que a ars erotica se centre na relação amorosa entre parceiros, fazendo da satisfação recíproca do prazer sexual a expressão dessa relação. As técnicas sexuais seriam então motivadoramente apreendidas, a capacidade de dar prazer seria desenvolvida, a informação sexual tornar-sedecisiva. Porque tudo o amor o exigiria.

Os inquiridos do nosso Inquérito não revelam, contudo, dar grande impordincia ao erotismo, ao orgasmo, ou ao domínio das técnicas sexuais. Possívelmente porque, em alguns casos, estes indicadores serão encarados como meros instrumentos mediadores do prazer sexual e da própria dimensão romântica que envolve o relacionamento sexual. Em contrapartida, é já significativa a percenlagem dos que valorizam o prazer sexual (29.6%) ou a satisfação sexual do parceiro (15.8%), numa ênfase do amor confluencial de que Giddens nos fala. Neste âmbito, as relações sexuais cumpririam um papel incentivador da comumeação interpessoal e da própria auto-realização, numa sociedade - diz-se crescentemente complexa, impessoal e anómica. Por outras palavras, entre amor o sexualidade gerar-se-ia um tráfego em ambos os sentidos. Do amor chegar-🕯 - la à sexualidade mas nesta o amor realizar-se-ia, também. E mais: o amor seria meio de busca de «salvação pessoal» - como aliás o reconheceu Weber²⁵⁾ - salvação procurada nos caminhos da irracionalidade (paixão), embora a Instituição matrimonial se encarregue da «domesticação do amor». Aliás, alguns sociólogos têm estabelecido analogias entre as conversões amorosas e religiosas, ambas desenvolvidas num universo de misticismo e «fusão de almas». (26) A própria sexualidade não deixa de estar sujeita à dominância de padrões morais que emergem como uma necessidade de regulação relativamente a forças

A. Giddens, The Transformation of Intimacy...

 ⁽²⁵⁾ Hans Gerth e C. Wright Mills (Eds.), From Max Weber, London, Routledge and Kegan Paul, 1948.
 (26) Cf. Joanna Ryan (Eds.), Sex and Love: New Thoughts on Old Contradictions, London, Women's livess, 1983, J. Sarby, Romantic Love and Society, Harmondsworth, Penguin, 1983 e J. Radway, Reading the Romance, London, Verso, 1987.

contraditórias que oscilam entre uma urgência incontrolável de desejo e um frio cálculo de risco. Entre os nossos inquiridos, a ordem do *desejo* parece sobrelevar francamente a de *risco*: menos de 10% dos respondentes associam as relações sexuais a uma dimensão preventiva – «não apanhar SIDA ou doenças venéreas» (9.3%) ou «não provocar uma gravidez indesejada» (8.3%). Ora quanto menos os riscos se calculam, menos se podem prevenir e mais possibilidades têm de ocorrer. É provável, aliás, que uma certa ideologia de masculinidade, ao jogarse na *ordem do desejo*, seja um factor incrementador desses riscos (de gravidezes indesejadas e contração de doenças infecciosas). (27) Do que não parece haver dúvidas é de que os relacionamentos sexuais irrompem à margem de uma sexualidade orientada por meros requisitos da reprodução.

4. AS CONDIÇÕES NECESSÁRIAS E SUFICIENTES PARA O RELACIONAMENTO SEXUAL

Na ordem do desejo não encontramos, contudo, as condições necessárias que legitimam o relacionamento sexual. Ou seja, para a esmagadora maioria dos inquiridos não é suficiente que duas pessoas se desejem mutuamente para que se relacionem sexualmente, mesmo quando esse desejo é movido pela vontade de «passar um bom bocado». A maioria relativa dos inquiridos (29.2%) pensa que o que é necessário para que duas pessoas tenham relações sexuais é que se amem. O casamento aparece como condição necessária apenas para 12.6% dos inquiridos (quadro n.º 4).

O que é necessário para ter relações sexuais com outra pessoa (percentagem)

IOUADRO Nº 41

O que é necessário	
Ser casado com outra pessoa	12.0
Viver com outra pessoa	2.
É necessário que sejam namorados	3.5
É necessário que se amem	29.
É suficiente que se conheçam bem	4.
É suficiente que se desejem mutuamente	7.0
necessário terem o desejo de passar um bom bocado	2.7
N/S	1.
N/R	34.7

⁽²⁷⁾ Joseph H. Pleck, Freya L. Sonenstein e Leighton C., «Masculinity Ideology: Its impact on Adolescent Males' Heterosexual Relationships», in *Journal of Social Issues*, vol. 49, n.º 3, 1993, pp. 11-29.

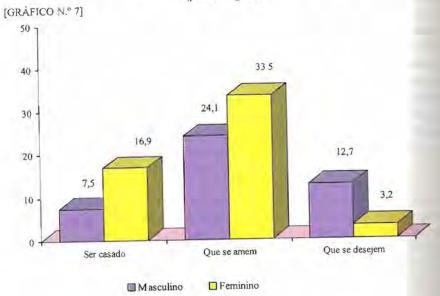
Que interpretação podemos fazer destes dados? Provavelmente, as relações exuais com um dado parceiro/a não são mais o fiel do modelo do «amor para empre» abrigado no nicho matrimonial. Mas mesmo que admitamos que os modernos relacionamentos sexuais se geram no quadro de um modelo de «amor instável» (de um amor que se vai consumando e consumindo...) quererá isso necessariamente dizer que a um modelo de «matrimónio prolongado» se seguirá um modelo de «matrimónio fugaz»? Ou será que os relacionamentos sexuais não têm obrigatoriamente que ser vistos por referência ao modelo da conjugalidade tradicional? Este terreno é obviamente lodoso para quaisquer hipóteses que se queiram levantar. Contudo, quando os nossos inquiridos admitem que jura ter relações sexuais não é necessário que elas ocorram no quadro matrimonial, não estão propriamente - ou necessariamente - a desvalorizar o matrimonio. Pelo contrário, pode ser uma forma de o pôr à prova. É natural que quem esteja interessado em fazer prova não esteja seguro da sua aposta sem que, para isso, desmereça o que põe à prova. Aliás, a iniciação sexual, entre as jovens gerações, fora do quadro matrimonial e as próprias experiências coabitacionais podem ser formas de iniciação e experimentação de uma vivência matrimonial. Matrimónios versus coabitações/acasalamentos desregulados? Não necessariamente. Ao que parece assistir-se é a uma acumulação biográfica de diferentes estados conjugais e não à opção por um deles, incontornavelmente. Mesmo no caso da coabitação, ela não envolve apenas «coabitantes ideológicos»(28) mas parceiros que tenderão a optimizar o matrimónio, ritualizando-o informalmente on experimentalmente.

Deste modo, a tolerância dos inquiridos relativamente à possibilidade de as pessoas poderem ter relações sexuais fora do quadro matrimonial não traduz, no essariamente, uma crise do modelo tradicional familiar, muito embora es presse uma recusa de aceitação da fachada legalista matrimonial como condição necessária às vivências sexuais. O imperativo mais reclamado para se poder ter relações sexuais é o do amor. Mas este imperativo é mais acentuado nas mulheres, entre as quais também mais se reivindica a condição de casado/a pura que se tenha um relacionamento sexual. Os homens, em contrapartida, cedem mais à suficiência da condição do desejo para um envolvimento sexual (gráfico n.º 7).

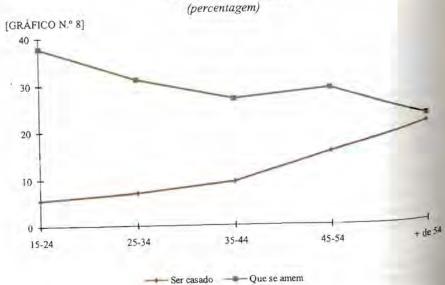
Neste campo, notam-se também importantes clivagens intergeracionais. Enquanto as mais velhas gerações tendem a confinar as relações sexuais ao casamento (verbalizando os estereótipos em que foram socializados), as mais novas gerações associam-nas mais a estados de envolvimento amoroso (gráfico n. 8). Estas distintas posições justificam-se, provavelmente, pelo encadeamento

L. Roussel e O. Bourguiznon, Générations Nouvelles et Mariage Traditionnel. Enquête de Jeunes de 18-30 ans, Paris, INED, 1978.

O que é necessário para ter relações sexuais com outra pessoa, segundo o sexo (percentagem)



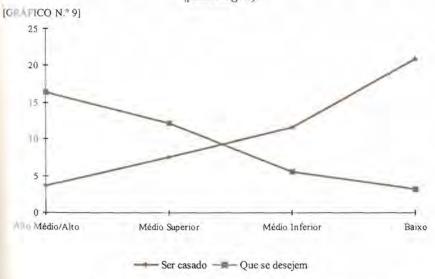
O que é necessário para ter relações sexuais com outra pessoa, segundo o grupo etário



diverso que amor, relações sexuais e casamento têm para as diferentes gerações. Para os jovens, as experiências amorosas e sexuais precedem claramente o ensamento, o qual, para as mais velhas gerações, ainda representa uma condição necessária (em termos discursivos) para o relacionamento sexual. É provável que o aumento de oportunidades educacionais entre os jovens portugueses, nas duas últimas décadas, os tenha libertado da necessidade de ganhar dinheiro (as famílias vão-lhes dando sustento), disponibilizando-os para envolvimentos amorosos não necessariamente orientados para o casamento. Por outras palavras, o adiamento da necessidade de «ganhar a vida» (perdendo-a no trabalho), dado o prolongamento das trajectórias escolares, disponibiliza os jovens para que avivam a vida».

Interessante é também constatar que os inquiridos de *status* social mais elevado são mais propensos a inscrever as vivências sexuais na ordem do deacjo, ao contrário do que acontece com os respondentes de *status* inferior, mais propensos a inscrever o relacionamento sexual no quadro conjugal (gráfico n.º 9).

O que é necessário para ter relações sexuais com outra pessoa, segundo o status (percentagem)

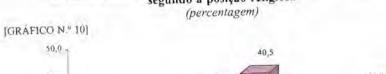


Como seria de esperar, o posicionamento religioso dos inquiridos não deixa também de influenciar estas opções. Os católicos (praticantes ou não) e outros crentes reclamam, numa percentagem considerável, a necessidade do casamento para que duas pessoas se possam relacionar sexualmente. Os restantes (ateus, agnósticos ou sem posição religiosa) consideram como condição necessária

I da amorosa e sexual

apenas o amor (gráfico n.º 10). Não quer isto dizer, obviamente, que os crentes desconsiderem o amor. Muito provavelmente considerá-lo-ão uma condição necessária à realização do próprio casamento.

O que é necessário para ter relações sexuais com outra pessoa, segundo a posição religiosa





5. A INICIAÇÃO SEXUAL: QUANDO, ONDE E COM QUEM

Dos jovens dos 15 aos 24 anos apenas 20% explicitamente respondeu nunca ter tido relações sexuais, contra 48,1% que declarou ter já experiência sexual e 31.9% que se furtou a responder a esta questão (quadro n.º 5).

As relações sexuais, segundo o grupo etário

(percentagem)

TOUADRO N.º 51

QUADRO N.º 3]	Grupo etário				
Relações sexuais	15-24	25-34	35-44	45-54	+ de 54
./	48.1	85.8	96.0	98.3	98.1
Já teve	20.0	1.4	0.6	0.3	0.2
Não teve	31.9	12.9	3.4	13	1.7

Tomando o universo dos respondentes que confessaram ter já tido relações sexuais (n= 1715), procurámos saber a que idade se deu a iniciação sexual. As primeiras experiências sexuais podem ser marcantes no futuro da vida dos indivíduos e, nessa medida, constituem um signo revelador de comportamentos sexuais futuros. A primeira relação sexual tem uma carga simbólica equivalente à de um «rito de passagem» – não somente a uma passagem biológica, mas social

ou não estivesse em causa um acontecimento que se inscreve num contexto or racional e social.(29)

Os dados do Inquérito realizado mostram que a idade da primeira relação terá huivado consideravelmente. Assim, na geração do 25 de Abril (nascidos entre 1971 e 1980), 66.7% iniciou sexualmente antes dos 18 anos: (30) em contrapartida, na por cão da Grande Guerra (compreendendo os nascidos antes de 1941), apenas 20.9% se iniciou antes dos 18 anos. Ou seja, entre as duas gerações consideradas ha uma diferença percentual de 45.6% no que respeita à idade da iniciação sexual (quadro n.º 6). Estes dados, contudo, estarão ainda aquém da realidade, uma vez que é muito elevada a percentagem de inquiridos não jovens que se recusou a responder a esta questão. Como quer que seja, entre a mais jovem geração apanhada pelo Inquérito (dos 15 aos 24 anos), pelo menos 23.7% iniciaram-se sexualmente entre os 10 e 15 anos e 43.2% entre os 16 e 18 anos.

Com que idade os inquiridos tiveram relações sexuais pela 1.ª vez, segundo o grupo etário

(percentagem)

IOLADRO N.º 61

Grupo etário	Grupo etário					
Огиро есано	Total	15-24	25-34	35-44	45-54	+ de 54
10 (5,	11.9	23.5	13.7	12.0	7.7	8.8
16-18	22.2	43.2	30.3	18.8	23.3	12.1
19 14	18.6	14.5	17.0	18.2	21.5	19.7
26 mais	4.3	0.0	1.6	2.7	1.7	9.6
N/5, N/R	43.0	18.6	37.4	48.5	45.8	49.8

(n= 15)

A significação - simbólica e emocional - da primeira relação será certamente diferente para mulheres e homens. Para estes últimos, a primeira relação corresponderá a uma etapa de aprendizagem em que o estatuto da parceira pouco importará. Com efeito, apenas 5.9% dos inquiridos do sexo ma culino se iniciou com a esposa; embora 23.8% se tenha iniciado com a narnorada, 18.6% fê-lo com uma amiga e 3.8% com uma desconhecida (quadro n.º 7). Em contrapartida, a major parte das mulheres respondentes (37% não respondeu a esta questão) iniciou-se com o esposo (27.4%), o namorado (18.0%) ou o noivo (14.5%).

Michel Bozon, «L' entrée dans la sexualité adulte: le premier rapport et ses suites», in Population, 5, 1001, 1317-1352.

Na mesma tendência alinham os dados de um inquérito sobre a sexualidade dos lisboetas, realizado em 1930. Nesse inquérito, entre os inquiridos de 16 e 20 anos, 58.4% dos rapazes e 37.8% das raparigas iniciaram-se sexualmente antes dos 20 anos. Por outro lado, 90.9% das mulheres inquiridas com mais de 60 anos iniciou-se sexualmente depois do casamento. Fausto Amaro, Ana M. Dantas e Louise da Conha Teles, «Sexual behaviour in the city of Lisbon», in Internacional Journal of STD & AIDS, 1995 6, pp. 35-41.

Entre os homens, portanto, a iniciação sexual não se encontra tão associada ao casamento ou a um forte e duradouro investimento sentimental, projectado para o futuro. Entre as mulheres, a iniciação sexual parece ser fruto de uma decisão mais amadurecida (ou reprimida?) que implica o desejo de uma relação durável que une a sentimentalidade e o acasalamento nas suas vertentes sexual e matrimonial. Mesmo que uma percentagem significativa de mulheres inquiridas se tenha iniciado com o namorado ou o noivo, isto apenas mostra que a primeira experiência é tida com um parceiro que prefigura um cônjuge potencial. Para os inquiridos do sexo masculino, as amigas aparecem como protagonistas da primeira experiência sexual (para 18.6% dos inquiridos), percentagem que não anda muito longe das iniciações envolvendo uma desconhecida (13.8%), com recurso provável a circuitos de prostituição, «namoros de discoteca» e outros encontros afins. Como vemos, uma vez mais, homens e mulheres parecem encarar diferentemente a sua sexualidade, produto das representações diferenciadas com que encaram a relação com o parceiro/a com quem iniciam a sua vida sexual.

Pessoa com quem se teve relações sexuais pela 1.ª vez, segundo o sexo (percentagem)

[QUADRO Nº 7]

(n=1715)

Pessoa	Sexo					
1.62209		Masculino	Feminino			
Amigo/a	9.7	18.6	2,1			
Namorado/a	20.7	23.8	18.0			
Noivo/a	9.6	3.9	14.5			
Esposo/a	17.4	5.9	27.4			
Desconhecido/a	6.6	13.8	0.3			
Outra (Prima)	0.1	0.3	0.0			
N/S	0.2	0.4	0.0			
N/R	35.7	33.3	37.7			

Também a pertença geracional parece condicionar de modo decisivo a escolha do tipo de pessoa com quem, pela primeira vez, se tem relações sexuais. Ente os inquiridos com mais de 45 anos, o esposo/a aparece como o protagonista mais referenciado (quadro n.º 8). Já entre os mais jovens (dos 15 aos 24 anos) a iniciação sexual fez-se predominantemente com o namorado/a (51.8%) ou com um amigo/a (27.1%).

A condição social dos inquiridos condiciona também a escolha dos parceiros para a iniciação sexual. Os namorados e amigos predominam nos

estratos altos e médios; em contrapartida, é nos estratos mais baixos que a miciação sexual mais toma lugar no quadro de um relacionamento conjugal quadro n.º 9).

Pessoa com quem se teve relações sexuais pela 1.º vez, segundo o grupo etário (percentagem)

ILLADRO N.º 8]

Pessoa	Grupo etário							
Атідо/а	15-24	25-34	35-44	45-54	+ de 5			
morado/a	27.1	15.0	8.0	6.7	3.3			
imorado/a	51.8	29.4	19.9	13.1	9.5			
ojvo/a	5.5	10.9	11,9	10.1	8.6			
The second secon	3.5	8,9	13.1	21.9	27.2			
Tutra (Prima)	1.0	4.5	7.1	8.8	8.2			
Tutra (Prima)	0.5	0.3	0.0	0.0	0.0			
R	0.5	0.3	0.0	0.0	0.2			
715)	10.1	30.7	39.9	39.4	43.0			

Pessoa com quem se teve relações sexuais pela 1.ª vez, segundo o status

[| | DRO N.º 9]

(percentagem)

	Status						
Pessoa	Alto/ Médio Alto	Médio Superior	Médio Inferior	Baixo			
III(go/a	0.15	10.00		_			
Unorado/a	11.7	15.2	9.3	5			
vo/a	31.4	24.0	21.5	14.5			
- W. M. (1911) (9.5	10.1	8.8	9.5			
	10.9	12.3	15.7	25.1			
- connection/a	8.8	7.0	5.5	6.8			
(Fillia)	0.0	0.2	0.0	0.2			
	0.0	0.2	0.0	0.4			
O.R.	27.7	30.8	39.1	38.1			

(0-1715)

De entre os inquiridos que já tiveram relações sexuais, 12.1% dos respondentes do sexo masculino afirma tê-lo feito apenas com uma mesma pessoa, contra 47.3% das mulheres que diz não ter tido mais nenhum parceiro para além daquele com quem se iniciaram sexualmente (quadro n.º 10). É de levar em conta, contudo, que 41.2% das mulheres inquiridas se recusou a responder a esta questão o que nos leva a admitir

a hipótese de que nem todas as mulheres seguirão o padrão comportamental daquelas que responderam. (31)

Com quantas pessoas se teve relações sexuais depois da primeira, segundo o sexo

(percentagem)

[QUADRO N.º 10]

Pessoas	Sexo					
ressoas	Total	Masculino	Feminino			
Com mais nenhuma	31.0	12.1	47.3			
Com mais uma	6.2	6,4	6.1			
De 2 a 5	8.9	14.6	3.9			
De 5 a 20	7.5	14.8	1.2			
Com mais de 20	4.3	9.1	0.2			
N/S	2.1	4,4	0.1			
N/R	40.0	38.6	41.2			

(n=1715)

Como quer que seja, é admissivel que, entre os homens, a existência de um maior número de parceiras sexuais se possa explicar pela maior amplitude do ciclo temporal de vida sexual masculina associada à pré-matrimonialidade. Para as mulheres, uma entrada precoce na vida sexual parece continuar a denunciar uma entrada precoce na vida conjugal, ainda que estejamos a assistir, neste domínio, a uma possível mudança digna de registo: a um modelo de «precocidade sexual tradicional» em que a iniciação aparece efectivamente associada ao casamento, parece insinuar-se um modelo de «precocidade moderna» (32) em que a iniciação sexual é facilitada por uma maior liberdade sexual, mais explicita entre as jovens gerações.

Para os homens, em contrapartida, a precocidade parece ter por efeito um alongamento do periodo de «disponibilidade sexual» antes do casamento. (33) É claro que subsiste um problema hermenêutico: se os jovens adultos do sexo masculino experimentam uma sexualidade mais precoce, sem vontade ou possibilidade de estabelecerem relações sexuais estáveis, tendendo a uma elevada rotatividade de parceiros, como é que essa rotatividade é materialmente possível? Das quatro hipóteses seguintes, uma, duas, três ou mesmo as quatro se verificarão: ou para um grupo restrito de mulheres (não necessariamente prostitutas) a taxa de rotatividade de parceiros é ainda mais elevada; ou a ini-

(ii) Cf. Hugues Lagrange, «Le nombre de partenaires sexuels: les hommes en ont-ils plus que les femmes?», in *Population*, 2, 1991, pp. 249-277.

⁽⁵⁵⁾ M. Bozon, «Les femmes et l'écart d'age entre conjoints. Une domination consentie», in *Population*, 2, pp. 327-360 e 3, pp. 565-602, 1990.

(33) M. Bozon, «L'entrée dans la sexualité»..., Population..., p. 1339.

ciação sexual masculina se faz predominantemente com recurso à prostituição; que as mulheres, no seu conjunto, têm um número de parceiros superior àquele manifestam; ou os homens gabam-se de ter tido mais mulheres do que na realidade tiveram.

Os dados do Inquérito mostram uma considerável heterogamia na mais juvem geração (15 a 24 anos). Com efeito, 49.3% dos jovens inquiridos já teve relações sexuais com mais de um(a) parceiro(a) e 20.6% com mais de 5 (quadro 11). A questão que se coloca é a de saber se os jovens se encontram preparados na escola ou na família – para evitarem gravidezes indesejadas ou doenças umsmitidas sexualmente. É bem provável que um número apreciável de pais de mães persista em encarar a sexualidade dos seus filhos – e principalmente das filhas - como se a sua iniciação só ocorresse com o casamento. Corroborando esta hipótese, temos em Portugal a mais elevada percentagem de mães solteiras de Comunidade Europeia.

Com quantas pessoas se teve relações sexuais depois da primeira, segundo o grupo etário

(percentagem)

[CLADRO N." 11]

Pessoas	Grupo etário						
Dell'Oran Carron	15-24	25-34	35-44	45-54	+ de 54		
om mais nenhuma	32.7	26.8	27.7	30.3	34.9		
2 a 5	12.6	8.6	5.1	4.7	4.2		
	16.1	11.5	10.1	7.7	4.7		
The state of the s	15.1	9.1	7.8	5.7	4.7		
The state of the s	5.5	4.2	3.3	6.1	3.7		
R	2.0	2.9	1.8	3.0	1.4		
	16.1	36.7	44.3	42.4	46.3		

10 17(5)

Finalmente, ao prospectarem-se os locais em que os inquiridos alguma vez fiveram relações sexuais, constata-se que as mulheres tendem mais do que os homens a centrarem a sua vida sexual em espaços fechados: na própria casa (48.3%), em casa dos pais (14.5%), num hotel (13.7%) ou em casa do companheiro (13.6%). Os homens diversificam bastante mais os lugares em que têm relações sexuais. Para além daqueles que são referidos pelas mulheres, os homens revelam ter relações sexuais no campo, ao ar livre (27.3%), em carros (25.3%), na praia (19.7%), em barcos (16.1%) e em casa de outras pessoas (16.1%). Embora estes locais sejam também mencionados por algumas mulheres, são-no em menor escala (quadro n.º 12). No caso dos homens há ainda que destacar os 10.2% deles que já teve relações sexuais em locais de prostituição.

Locais em que se teve relações sexuais, segundo o sexo

(percentagem)

[QUADRO N.º 12]

Locais	Sexo				
Locais	Total	Masculino	Femining		
Num carro	17.6	25.3	10.9		
Na praia	13.4	19.7	7.9		
No campo, ao ar livre	17.0	27.3	8.2		
Em sua casa	49.0	49.8	48.3		
Em casa dos seus pais	17.5	21.0	14.5		
Casa dos pais/companheiro	16.7	20.4	13.6		
Em casa de outras pessoas	11.9	16.1	8.3		
Num hotel	16.6	20.0	13.7		
Em jardins	4,0	5.7	2.5		
Na escola	1.2	2.4	0.2		
Num comboio	0.6	1.4	0.0		
Na rua	3.5	5.4	1.8		
≒a escada dum prédio	3.1	4.7	1.8		
Num local de prostituição	4.8	10.2	0.2		
Discoteca	0.1	0.3	0.0		
Barco	11.9	16.1	8.3		
Outros locais	16.7	20,1	13.7		
N/S	0.4	0.6	0.2		
N/R	41.6	37.5	45.1		

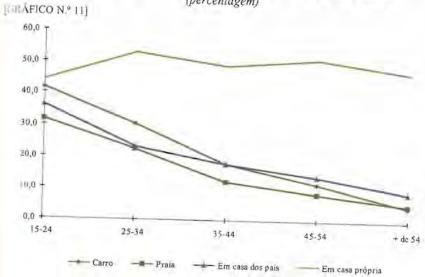
(n=1715)

A centralidade da sexualidade feminina no espaço doméstico pode justificar-se a partir das representações de amor que rodeiam e influenciam a sexualidade e a vida amorosa das mulheres. A sexualidade e o amor são aspectos da
vida que não podem ser encarados como independentes dos contextos culturais
e sociais de quem os experiencia. Por exemplo, a ideologia do «amor romântico»
à qual as mulheres dão provas de vulnerabilidade, como vimos, pode ser um
artificio social que as empurra para os braços dos homens – preferencialmente
em aconchegos privados ou domésticos – unindo-os para o resto da vida, numa
mistura de sedução, sexo, afeição, fraude e ilusão, através de uma «heterossexualidade compulsória», institucionalizada através do casamento.

Ao confrontarmos os locais em que os inquiridos de gerações diferentes têm relações sexuais, constatamos que, para as mais velhas gerações, a casa própria é o espaço mais utilizado para o efeito. Os mais jovens (15 a 24 anos), recorrem também à casa dos pais, ao carro e à praia (gráfico n.º 11). Entre

alguns jovens, a iniciação à vida sexual dá-se em tempos e espaços de ruptura com uma certa normalidade do quotidiano: tempo de férias, fins-de-semana, jugares escondidos, um apartamento emprestado por um amigo, uma praia ao prir-do-sol.

Locais em que se teve relações sexuais, segundo o grupo etário (percentagem)



E quanto à condição social dos inquiridos, em que medida é que ela influencia os cenários da vida sexual? À partida seriamos levados a supor que as estratégias de sociabilidade características das classes superiores as orientara no sentido de evitar as multidões, os lugares abertos. De facto, é entre os inquiridos de status mais elevado que mais frequentemente as relações sexuais ocorrem em casa (própria, dos pais, ou de amigos). As disponibilidades financeiras facilitarão também uma maior frequência de hotéis; e determinados símbolos de status, como o «barco de recreio», acabarão também por desempenhar uma função prática como o prova o facto de quase 20% dos inquiridos de status alto ou médio superior ter tido relações sexuais num barco.

De facto, à medida que se sobe na hierarquia social, é sabido que menos aceitação têm as formas de sociabilidade que envolvem espaços manifestamente públicos ou colectivos (bailes populares, praias apinhadas de gente, etc.). No entanto, em espaços públicos ou colectivos podem manter-se envolvimentos privados e selectivos. Isto explica que, em conjunção com uma provável maior permissividade sexual entre os inquiridos de *status* mais elevado, estes tenham tido experiências sexuais em carros (bem aclimatizados, certamente), praias (não

muito apinhadas, provavelmente), ao ar livre (em alguma quinta do Alenteio eventualmente), ou até na rua, na escada de um prédio ou num local de prostituição (quadro n.º 13). Aliás, o mito que sustenta que a prostituição se encontra apenas implantada em meios populares não passa disso mesmo, de um mito: os dados do Inquérito realizado mostram que os inquiridos de status mais elevado não frequentam menos os locais de prostituição, em comparação com os inquiridos de status baixo.

Locais em que se teve relações sexuais, segundo o status (percentagem)

[QUADRO N.º 13]

praia campo, ao ar livre sa dos pais/companheiro casa de outras pessoas m hotel rua escada dum prédio m local de prostituição scoteca		Sta	itus	
Locais	Alto/ Médio Alto	Médio Superior	Médio Inferior	Baixe
Num carro	34.3	28.4	14.5	7.5
Na praia	32.1	21.1	10.4	5.5
No campo, ao ar livre	22.6	18.9	16.8	14,3
Em sua casa	54.0	52.6	46.0	47.8
Casa dos pais/companheiro	31.4	23.1	14.9	9.7
Em casa de outras pessoas	19.0	18.3	9.5	7.3
Num hotel	36.5	28,4	11.8	7.0
Na rua	7.3	4.6	2.9	2.2
Na escada dum prédio	5.8	4.4	2.2	2.4
Num local de prostituição	8.8	5.1	4.8	3.7
Discotéca	0.0	0,2	0.0	0.2
Barco	19.0	18.3	9,5	7.3
Outros locais	37.2	28.4	11.8	7.0
N/S	0.0	0.2	0.2	0.9
N/R	34.3	36.1	44.1	45.2

(n=1715)

6. OS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS

Entre os inquiridos que já tiveram relações sexuais (n=1715), os métodos contraceptivos encontram-se mais difundidos entre os jovens dos 15 aos 24 anos: 50.8% usa-os frequentemente e 15.6% mais esporadicamente (quadro n.º 14). Trata-se de um indicador que expressa uma relativa liberalização sexual entre as camadas mais jovens, bastante reforçado pelo facto de 40% dos inquiridos com mais de 54 anos nunca ter recorrido a qualquer método contraceptivo.

Uso de método contraceptivo, segundo o grupo etário (percentagem)

QUADRO N.º 14]

Grupo etário Uso Total 15-24 25-34 35-44 45-54 + de 54 27.6 19.1 15.7 23.5 27.9 39.5 Sim, raramente 9.6 15.6 9.3 9.5 11.1 7.0 Sim, frequentemente 23.3 50.8 39.9 22.9 18.2 7.5 0.3

0.0

14.6

39.1

0.3

34.8

0.3

43.8

0.3

42.4

0.5

45 4

1715)

A condição social parece também exercer uma influência considerável sobre o uso de contraceptivos. No status mais baixo, 40.7% dos inquiridos nunca os usou (quadro n.º 15). Inevitavelmente, surge a questão de saber se as elevadas mas de fecundidade entre as camadas sociais com mais fracos recursos conómicos não dependerão, efectivamente, de uma fraca acessibilidade aos métodos de planeamento familiar. De facto, entre os inquiridos que têm 4 ou mais filhos, 40.1% nunca usou qualquer método contraceptivo (40.7% deles, uliás, não respondeu a esta questão).

Uso de método contraceptivo, segundo o status (percentagem)

UUADRO N.º 151

ii.		Sta	itus	
Uso	Alto/ Médio Alto	Médio Superior	Médio Inferior	Baixo
40	7.3	20.9	25.4	40.7
Sim, frequentemente	17.5	10.8	9,2	7.1
N/S	46.0	34.1	21.8	10.3
N/R	0.0	0.4	0.2	0.5
	29.2	33.7	43.4	41.4

10-1715)

Junto dos inquiridos que nunca usaram contraceptivos, tentámos saber das Tazões que justificariam essa falta de uso. A maioria (52.1%) respondeu que não linha necessidade. Razões como a dificuldade de uso, o embaraço da compra, o custo, o receio de que os pais soubessem ou entraves morais não têm muita relevância. Os homens apontam, contudo, uma outra razão recorrente: o decréscimo de prazer com o uso de tais métodos (quadro n.º 16).

Razões que levam os inquiridos a não usar ou a usar raramente contraceptivos, segundo o sexo

(percentagem)

[QUADRO N.º 16]

Razões		Sexo	
Kazoes	Total	Masculino	Feminino
Não sente tanto prazer sexual	21.6	39.3	9,3
É dificil de usar	2.5	3.4	1.6
É demasiado embaraçoso de comprar	1.3	1.5	1.0
São caros	2.2	2.1	2.2
Não tem relações sexuais frequentes	6.3	7.1	5.4
Tem medo que os pais descubram	0.3	0.0	0,6
Pensa que é errado moralmente	2.7	2.1	3.2
O companheiro não gosta	7.7	6.4	8.9
Não tem necessidade	52.1	45.4	59.1
Outras razões	7.0	2.7	11.5
N/S	2.0	1.2	2.9
N/R	7.0	5.8	8.3

(n=639)

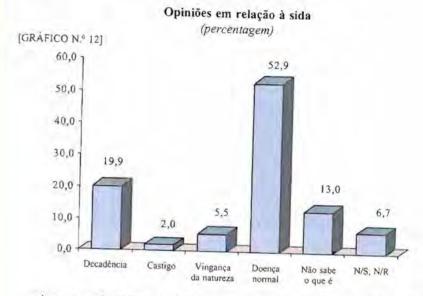
7. ATITUDES PERANTE A SIDA

Uma vez que a sexualidade constitui um dos principais canais de transmissão da SIDA, achámos interessante explorar algumas representações que socialmente se têm construído sobre esta epidemia. Com efeito, o surgimento da SIDA tem levado os indivíduos a repensar a sua sexualidade, não em termos de a colocarem em causa, mas sujeitando-a a um balanço analítico, problematizando-a enquanto prática e discurso.

À doença associam-se vários estigmas e preconceitos que resultam da forma como socialmente se encara a morte, a contaminação e a sexualidade. Aliás, estigmas semelhantes tinham já sido vividos em outras épocas, como aconteceu com a lepra, a tuberculose ou a sífilis.⁽³⁴⁾ Por entre várias formas expurgatórias e negativas associadas à culpa, ao pecado, ao desvio, ao crime, à desonra, à marginalidade, etc., vários são os mecanismos ideológicos – como bem o salienta Richard Parker – que «levantam um muro opaco entre as práticas com que realmente se vive a sexualidade e as práticas normativas socialmente aprovadas».⁽³⁵⁾

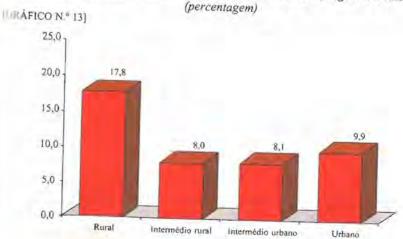
Não se pode dizer que, num movimento de reacção à SIDA, estejamos propriamente a viver uma contra-revolução moral. A maioria dos inquiridos (52.9%) encara a SIDA como uma doença normal (embora mortal), como outra qualquer. Contudo, não são desprezíveis os 27.4% que vêem na SIDA um

fenómeno que reflecte a decadência moral, um castigo de Deus, ou uma vingança da natureza contra os «depravados» (gráfico n.º 12).



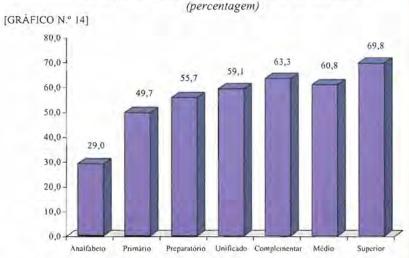
Atente-se ainda nos 13% de respondentes que confessa não saber o que a SIDA representa, uma significativa parte dos quais vive em *habitat* rural (gráfico 11.0 ° 13). Por outro lado, quanto mais elevado é o nível de habilitações escolares, santo mais se é levado a encarar a SIDA como uma doença normal, como outra qualquer (gráfico n.º 14).

Inquiridos que declaram não saber bem o que é a sida, segundo o habitat



^[23] Richard Parker e outros (Org.), A AIDS no Brasil, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994, p. 31.
^[23] Id. ibid., pp. 33.

Inquiridos que pensam que a sida é uma doença normal, como outra qualquer, segundo o nível de instrução

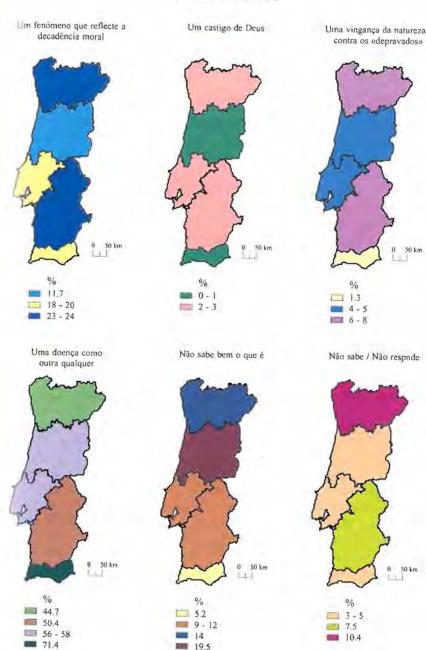


De um ponto de vista regional, finalmente, constata-se que é no Norte do País e no Alentejo que os inquiridos mais são levados a identificar a SIDA com um fenómeno que reflecte a decadência moral (mapa n.º 1). Em contraste, nas outras regiões – Centro, Algarve e Lisboa/Vale do Tejo – é onde mais se expressa a ideia de que a SIDA é uma doença como outra qualquer. No Centro, e particularmente no Norte, registe-se ainda o número significativo de inquiridos que referiram não saber bem o que é a SIDA. Considerando ainda os resultados de uma outra pergunta do inquérito (pergunta 56) em que perguntávamos aos inquiridos quais os problemas que mais os preocupavam, notamos que é precisamente na região Norte que o problema da SIDA é mais frequentemente referido como fonte de preocupação – mais precisamente por 37% dos respondentes. É pois na região Norte onde encontramos um maior número de inquiridos que ora se manifestam preocupados com a SIDA, ora manifestam a sua ignorância em relação ao que a SIDA representa.

Como temos vindo a observar, os dados do Inquérito realizado sugerem que as práticas sexuais remetem mais para o universo de prazer do que para o de risco. Recentemente, contudo, o prazer sexual associa-se a riscos de saúde. Outrora os riscos eram de natureza mais social: o risco de vir a ser descoberto no caso de uma relação sexual extra-matrimonial; o risco de recurso a práticas moralmente condenáveis, como a masturbação; o risco de surgimento de gravidezes indesejadas... Não sabemos, contudo, em que medida é que as atitudes perante a sexualidade, reveladas pelo inquérito realizado, entrarão em conflito com necessidades emergentes de «racionalidades sanitárias». (36) Trata-

[MAPA N.º 1]

A SIDA É...



⁽³⁶⁾ A. Bejin, Le Nouveau Tempérament Sexuel, Paris, Éditions Kiné, 1990.

-se de uma trama complexa: de um lado, como vimos, os comportamentos sexuais inscrevem-se numa ordem de desejo e sedução; paradoxalmente, contudo, com a SIDA, o acto de «fazer amor», em vez de uma acto criador de vida, pode ser também, em termos das suas consequências, um acto de renúncia a ela. Os critérios e estratégias de enquadramento médico e sociológico da epidemia não podem, certamente, passar ao lado desta controvérsia.

8. PERMISSIVIDADES SEXUAIS: O ACEITÁVEL E O INACEITÁVEL

A medicina, com o seu normativismo, contribuiu para consolidar uma ordem moral legitimadora de algumas cruzadas repressivas contra várias manifestações da sexualidade. Os médicos participaram largamente nesta campanha de normalização, garantindo-lhe uma legitimidade científica e actuando como nexo entre uma «consciência sanitária» e uma «inconsciência social». Neste sentido, o interesse em estudar as sexualidades periféricas justifica-se na medida em que, uma vez que a sexualidade se encontra subordinada ao controlo social, este é mais perceptível ou visível a partir do momento em que se analisa a génese e evolução das dissidências sexuais.(37)

Confrontando os inquiridos com algumas práticas sexuais susceptíveis de reprovação moral, constata-se que as situações de adultério e as relações homossexuais não são aceitáveis por mais de 80% dos inquiridos. O recurso à prostituição não é também aceitável pela larga maioria dos inquiridos, embora haja uma maior tolerância à possibilidade de um homem pagar para ter relações sexuais. Em contrapartida, a masturbação - masculina e feminina - é encarada com maior permissividade (quadro n.º 17).

Atitudes face a alguns aspectos dos relações sexuais (percentagem)

[QUADRO N.º 17]

		Atitu	ides	
Aspectos	Aceitável	Não aceitável	N/S	N/R
Homem casado ter relações com outras mulheres	15.4	80.0	3.2	1.3
Mulher casada ter relações com outros homens	6.9	89.3	2.6	1.2
Dois homens terem relações sexuais entre si	14.0	81.1	3.3	1.6
Duas mulheres terem relações sexuais entre si	14.7	80.2	3.5	1.7
Um homem masturbar-se	39.9	41.7	13.8	4.6
Uma mulher masturbar-se	37.9	43.2	14.1	4.8
Um homem pagar para ter relações Sexuais	16.9	76.2	4.9	2.0
Uma mulher pagar para ter relações sexuais	9.5	83.5	5.0	2.0

Oscar Guash, «Para una Sociología de la Sexualidad», in Revista Española de Investigaciones Sociológicas, n.º 64, Outubro/Dezembro de 1993, pp. 105-121.

Os dados são, neste caso, elucidativos. De um modo geral, os portugueses manifestam-se ideologicamente a favor dos valores da fidelidade matrimonial. No entanto, não sabemos se essa exclusividade amorosa, expressa em termos ideais, se traduz numa efectiva capacidade de controlo sobre emoções e desejos latentes que ponham em causa esses ideais. Como quer que seja, a família tem sido uma estrutura construída para durar e daí ter sido rodeada de sanções políticas e religiosas («O que Deus uniu que o Homem não separe»...) que condicionam as possibilidades da sua dissolução. Que assim é, prova-o o facto de os inquiridos com alguma filiação religiosa demonstrarem uma menor permissividade em relação ao conjunto de relacionamentos sexuais «problemáncos» sobre os quais foram chamados a opinar (quadro n.º 18). Dados tanto ou mais relevantes são também aqueles que se referem aos inquiridos sem qualquer Illação religiosa. As suas atitudes, embora genericamente mais permissivas, não destoam marcadamente do quadro de valores dominantes: ou seja, determinadas praticas sexuais continuam a ser apreciadas através de filtragens atitudinais reguladas por valores tradicionais e religiosos que se cimentaram socialmente.

As atitudes mais permissivas encontram-se entre os homens - se exceptuarmos as relações homossexuais (quadro n.º 19) - e entre os inquiridos de condição social superior (quadro n.º 20). Embora os dados do inquérito revelem uma representação social relativamente consistente do que se possa entender por «cunteúdo normal» do acto sexual - nesta representação, o acto sexual implica uma penetração envolvendo duas pessoas de sexo oposto - parece abrir-se um campo de legitimação de algumas normas e práticas controversas de acesso ao prizer. É o que acontece com a masturbação, prática anteriormente perseguida e que hoje se descobre como actividade de desfrute ou relaxe, livre de culpabilizações religiosas, médicas ou morais. (38) Nos estratos alto e médio superior a majoria dos inquiridos manifestou-se a favor da aceitabilidade das práticas de massurbação. No entanto, as mulheres manifestaram neste campo, um maior pudor. Pouco mais de 30% as considera aceitáveis contra os quase 50% de homens que alinha numa atitude de permissividade. Não sabemos como explicar este pudor feminino. Serão as mulheres mais levadas a interiorizar sentimentos de culpabilização perante tais práticas? Ou - hipótese bem diversa - será que as mulheres tendem a resistir a um certo «egocentrismo sexual»(39) que parece camelerizar a sexualidade contemporânea? É também provável que entre os homens se faça sentir uma maior socialização da sexualidade através da masturbação, pelos imaginários fantasiados que lhe aparecem associados e que tendem a naturalizar essa prática (ou a sua revelação) no universo masculino. (40)

Cf. W. H. Masters, V. E. Johnson e R. C. Kolodny, Amour et Sexualité, Paris, Intereditions, 1987. Sobre 08 (dellos «deletérios» da masturbação, cf. V. C. Alferes, Encenações e Comportamentos Sexuais..., p. 23.

André Béjin, «La masturbation féminine en France. Un exemple d'estimation et d'analyse de la Sous declaration d'une pratique», in Population, 5, 1993, pp. 1437-1450.

Robert H. Walsh, «Premarital sex among teenagers and young adults», in Kathleen Mckinney e Sasan Sprecher (Ed.), Human Sexuality. The Social and Interpersonal Context, New Jersey, Ablex Publishing Corporation, 1994, pp. 162-186.

Atitude face a alguns aspectos das relações sexuais, segundo a posição religiosa

(percentagem)

[QUADRO N.º 18]

Aspectos/Atitudes		The second secon	religiosa)sa		
		Católico não praticante	Outros	Não crente		
Homem casado ter relações com outras mulheres		1				
Accitável	6.2	17.5	5.4	33.6		
Não aceitável	88.6	78.5	94.6	57.7		
N/S	4.0	2.9	0.0	4.4		
N/R	1.1	1.1	0.0	4.4		
Mulher casada ter relações com outros homens		4.71				
Aceitável	2.7	7.8	0.0	16.1		
Não aceitável	92.6	89.0	100.0	75.9		
N/S	3.6	2.2	0.0	3.6		
N/R	1.1	1.0	0.0	4.4		
	1-1	1.0	0.0	4.4		
Dois homens terem relações sexuais entre si Aceitável	5.5	16.8	5.4	22.6		
Não aceitável	87.7	79.1	91.9	71.5		
N/S	4.9	2.5	2.7	4.4		
	1.9	1.6	0.0	1.5		
N/R	1.9	1.0	0.0	1.5		
Duas mulheres terem relações sexuais entre si	300	200				
Aceitável	5.5	17.6	5.4	24.1		
Não aceitável	87.7	77.9	91.9	69.3		
N/S	4.7	2.8	2.7	5.1		
N/R	2.1	1.6	0.0	1.5		
Um homem masturbar-se						
Aceitável	22.7	45.1	21.6	61.3		
Não aceitável	51.9	38.7	59.5	26.3		
N/S	20.5	11.8	10.8	8.8		
N/R	4.9	4.4	8.1	3.6		
Uma mulher masturbar-se						
Aceitável	21.8	42.7	21.6	58.4		
Não aceitável	52.5	40.6	59.5	27.7		
N/S	20.6	12.1	10.8	9.5		
N/R	5.1	4.6	8.1	4.4		
Um homem pagar para ter relações sexuais		100				
Aceitável	10.6	18.4	8.1	29.2		
Não aceitável	79.7	75.9	89.2	62.0		
N/S	6.4	4.1	2.7	7.3		
N/R	3.2	1.6	0.0	1.5		
Uma mulher pagar para ter relações sexuais	1000		31.0	100		
Aceitável	5.7	10.0	5.4	20.4		
Não aceitável	84.1	84.4	91.9	70.8		
N/S	6.8	4.0	2.7	7.3		
N/R	3.4	1.5	0.0	1.5		

Atitude face a alguns aspectos das relações sexuais, segundo o sexo (percentagem)

QUADRO N.º 19]

Aspectos/Atítudes		Sexo		
respectos/Aurages	Masculino	Feminino		
Homem casado ter relações com outras mulheres				
Aceitável	28.3	4.3		
Nao aceitavel	66.9	91.2		
WS	3.0	3.4		
M/R	1.7	150.5		
Mulher casada ter relações com outros homens	4.7	1.0		
Aceitável	11.7	2.7		
Tão aceitável	84.6	93.3		
N/S	2.0	3.1		
V/R	1.6	0.9		
linis homens terem relações sexuais entre si				
Accitavel	10.3	17.2		
4ão aceitável	85.5	77.3		
WS	2.8	3.7		
YK	1.4	1.8		
mas mulheres terem relações sexuais entre si		1.0		
keitävel	11.7	17.2		
No aceitável	83.7	77.1		
15	3.2	3.7		
T/K	1.3	2.0		
m homem masturbar-se	3.55			
ceitável	20.0			
00 aceitável	48.8	32.3		
(5	39.3	43.7		
iR	8.8	18.1		
ma mulher masturbar-se	3.0	5.9		
ucitável	- C - W			
in aceitável	46.8	30.4		
165	40.8	45.2		
IR	9,3	18.3		
·R	3.1	6.2		
ill homem pagar para ter relações sexuais				
Celtável	23.1	11.6		
0 aceitável	71.4	80.3		
-2	4.0	5.7		
	1.5	2.4		
ma mulher pagar para ter relações sexuais	3.3	~		
ceitável	13.0	6.5		
io aceitavei	81.4	85.4		
19	4.1	5.7		
R.,	1.5	2.4		

Atitude face a alguns aspectos das relações sexuais, segundo o status

(percentagem)

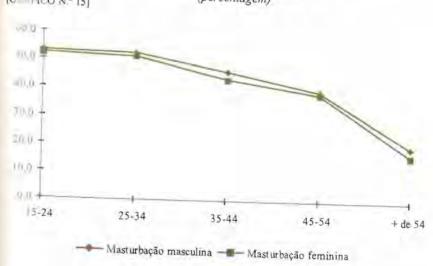
[QUADRO N.º 20]

Aspectos/Atitudes		Sta	tus	
Aspectos/Atitudes	Alto/ Médio Alto	Médio Superior	Médio Inferior	Balke
Homem casado ter relações com outras mulheres	100			
Aceitável	23.0	16.7	16.0	11.4
Não aceitável	71.5	78.4	79.1	84.9
N/S	1.8	3.5	3.7	2.8
N/R	3.6	1.4	1.2	0.8
Mulher casada ter relações com outros homens				
Aceītável	13.3	9.3	6.2	3.5
Não aceitável	81.8	86.7	89.7	93.5
N/S	1.2	2.5	3.2	2.5
N/R	3.6	1.6	0.9	0.7
Dois homens terem relações sexuais entre si	1	11.0	3.4	541
Aceitável	26.1	22.3	11.6	5.5
Não aceitável	66.1	72.1	84.6	89.8
N/S	4.8	3.9	2.6	3.0
N/R	3.0	1.8	1.2	1.5
Duas mulheres terem relações sexuais entre si		3.0		
Aceitável	26.1	23.0	12.5	6.0
Não aceitável	64.8	71.4	83.4	89.1
N/S	5.5	4.0	2.9	3.0
N/R	3.6	1.6	1.2	1.5
Um homem masturbar-se		3,19	7.2	
Aceitável	66.7	53.7	36.3	23.5
Não aceitável	18.8	29.8	46.8	53.6
N/S	7.3	11.8	13.1	18.4
N/R	7.3	4.7	3.8	4.5
	7.5	3.7	2.0	***
Uma mulher masturbar-se Aceitável	64.8	52.8	34.6	20.1
Não aceitável	20.6	30.2	48.1	56.3
N/S	7.3	11.9	13.7	18.6
N/R	7.3	5.1	3.7	5.0
	1,0	5.0	2.7	
Um homem pagar para ter relações sexuais	27.5	(22)	15.4	15.4
Aceitável	27.3	17.2	15.4 77.1	79.1
Não aceitável	65.5	75.3	10,200	3.7
N/S	4.8	5,4	5.6	1.8
	2.4	2,1	1.7	
Uma mulher pagar para ter relações sexuais	120	110	7.5	7.4
Aceitável	17.0	11.9	7.5 84.7	86.9
Não aceitável	75.8	80.9	100	4.0
N/S	4.8	5.3	5.6	1.3
N/R	2.4	1.9	2.2	16

Quanto à prostituição, os inquiridos opinam que é mais aceitável que sejam homens a pagar para ter relações sexuais do que as mulheres. Estas não se ufastam, aliás, deste posicionamento atitudinal. Como explicar esta maior permissividade em relação ao envolvimento dos homens no comércio do sexo? Possivelmente, e mais uma vez, são correntes sócioculturais a determinar tais utitudes. DeLamater sustenta que os homens tendem mais a dar amor para obter sexo, enquanto as mulheres tenderão mais a dar sexo para obter amor. Se esta hipótese é viável, trata-se sem dúvida de uma dualidade que não pode deixar de originar algumas ambiguidades e frustrações em alguns encontros sexuais e amorosos que homens e mulheres tenham entre si. O recurso à prostituição, em contrapartida, ladearia essas ambiguidades: o homem paga para ter sexo e a mulher dá-lhe em troca sexo – troca rápida, em tempo e dinheiro.

O facto de haver uma maior percentagem de jovens a julgarem aceitáveis as práticas de masturbação (gráfico n.º 15) pode interpretativamente associarse quer a uma mais próxima descoberta da sua sexualidade, quer a registos de maior tolerância, por parte dos jovens, quando chamados a opinarem sobre questões de sexualidade.

Atitude de aceitabilidade da masturbação masculina e feminina, segundo o grupo etário (percentagem)



J. DeLamater, «Gender differences in sexual scenarios», in Kelley (Ed.), Females, Males and Sexuality: Theories and Research, Albany, State University of New York Press, 1987.

Ainda em relação à prostituição, vemos, mais uma vez, que os inquiridos de status alto e médio superior dão mostras de uma maior tolerância às trocas comerciais envolvendo sexo. Pode ser uma mera posição atitudinal, de natureza ideológica, o que até se compreende dado que o primado da liberdade individual tenderá a ser mais valorizado na ideologia dos mais dotados de capital cultural e económico. A liberdade sexual sempre acompanhou o poder e foi uma expressão dele. Paralelamente, a sexualidade «casta» do casamento sempre foi perturbada pelo carácter erótico ou apaixonado de aventuras extra-matrimoniais

em meios burgueses e aristocráticos.

Curiosamente, em relação à homossexualidade — seja ela masculina ou feminina —, as mulheres mostram uma maior tolerância, comparativamente aos homens (quadro n.º 19). Porquê? Mais uma vez, é com receio que ousamos interpretar os dados. Talvez que num plano de «homogeneidades», as mulheres — penalizadas por divisões sexuais que atravessam a região dos afectos — sejam mais levadas a pensar (ou a sentir?) que as amantes não são enigmas entre si; talvez que não representem tão abstractamente um «outro» diferente e desigual que geralmente está presente nas relações entre um homem e uma mulher; talvez pela reciprocidade que entre elas possa existir e que faz com que as noções de dádiva e recompensa não estejam tão presentes; talvez ainda porque a homossexualidade masculina seja mais ameaçadora da masculinidade hegemónica.

9. OPINIÕES SOBRE A PORNOGRAFIA

A sexualidade espectacularizou-se, multiplicou-se, invadiu o quotidiano, através de jornais, filmes, revistas. A pornografia industrializou-se e comercializou-se. Capitais avultados são consagrados, nas nossas sociedades, à pornografia. A lógica do lucro impele a que a pornografia conquiste mercados, fidelize clientelas. Oferece-se a homens e mulheres, a jovens e menos jovens, através de circuitos mais ou menos lícitos, mas relativamente aos quais se continuam a opor interditos religiosos, morais, sociais.

Os homens denotam uma atitude mais favorável em relação à pornografia do que as mulheres, talvez porque a pornografia seja uma figura do «imaginário masculino». (42) De facto, sugestionados a pensar em revistas, livros ou filmes pornográficos (quadro n.º 21), 36.2% dos inquiridos do sexo masculino opina que a pornografia pode ajudar a melhorar a vida sexual contra apenas 18.7% de mulheres; 51.4% acha que a pornografia proporciona diversão contra apenas 27.5% delas; e são também os homens a marcar mais nítidas discordâncias com

Opiniões sobre a pornografia (em revistas, livros ou filmes), segundo o sexo

(percentagem)

L ADRO N.º 21]

0-1-12		Sexo	
Opiniões	Total	Masculino	Feminino
youe ajudar a melhorar a vida sexual			
Concorda	26.8	36.2	18,7
Oscorda	54.1	49.6	57.9
VS	15.1	12.2	17.5
ýR	4.1	2.0	5.8
Proporciona diversão			
oucorda	38.5	51.4	27.5
Discorda	42,2	35,5	48.0
55	14.8	10.7	18.4
///	4.5	2.5	6.2
É imoral/devia ser proibido			
Cincorda	31.6	23.7	38.4
I Fscorda	50.9	62.5	41.0
ILIS gas	12.6	11.0	13.9
A.R.	4.9	2.8	6.7
Criavicios			
6 ncorda	42.7	41.6	43.6
Lincorda	37.6	44.5	31.6
N/8	15.6	11.9	18.7
NR.	4.2	2.0	6.0

a consideração de que a pornografia é imoral, devendo por isso ser proibida (62.5% discorda) e com a possibilidade de pornografia criar vícios nas pessoas (44.5% de discordâncias entre os inquiridos do sexo masculino).

Na linha de outros indicadores do Inquérito que sugerem um maior liberalismo sexual entre jovens e camadas de *status* social elevado, constatamos que é entre os inquiridos de condição social superior (quadro n.º 22) e entre as mus jovens gerações (quadro n.º 23) que se registam maiores frequências de atitudes favoráveis em relação à pornografia. Entre os jovens, a dimensão da diversão é francamente valorizada e entre os inquiridos de *status* mais elevado, para além do divertimento, também se considera que a pornografia pode ajudar a melhorar a vida sexual.

Mas em que sentido a pornografia ajudará a melhorar a vida sexual? Os mais activimos defensores da pornografia poderão sustentar que, outrora modelada pela pornografia do interdito (ou dos interditos pornográficos), a sexualidade

⁽⁴²⁾ Francesco Alberoni, O Erotismo, Venda Nova, Bertrand Editora, 1992, p. 15.

Opiniões sobre a pornografia (em revistas, livros ou filmes), segundo o status (percentagem)

[QUADRO N.º 22]

		Sta	tus	
Opiniões	Alto/ Médio Alto	Médio Superior	Médio Inferior	Baixo
Pode ajudar a melhorar a vida sexual				
Concorda	46.7	35.8	23.7	16.2
Discorda	38.8	49.8	56.2	60.0
N/S	7.9	12.1	15.4	19.4
N/R	6.7	2.3	4.7	4.4
Proporciona diversão			100	
Concorda	55.8	44.7	37.8	28.6
Discorda	28.5	38.2	42.2	49.7
N/S	9.1	13.9	15.0	17.1
N/R	6.7	3.2	5.0	4.5
É imoral/devia ser proibido				
Concorda	16.4	21.9	29.3	47.7
Discorda	66.7	63.3	52.6	32.7
N/S	7.9	10.5	13.1	15.2
N/R	9.1	4.2	5.0	4.4
Cria vicios				
Concorda	26.7	38.1	42.6	51.6
Discorda	53.3	46.0	37.1	25.8
N/S	12.1	13.5	15.7	18.3
N/R	7.9	2.5	4.6	4.4

Opiniões sobre a pornografia (em revistas, livros ou filmes), segundo o grupo etário (percentagem)

[QUADRO Nº 23]

poporciona diversão necorda corda	-	G	rupo etá	rio	
Opinioes	15-24	25-34	35-44	45-54	+ de 54
Pode ajudar a melhorar a vida sexual	5.0	150		1	100
Concorda	39.9	34.5	26.9	25.2	13.4
	43.0	49.6	55.1	57.3	62.5
N/S	15.2	11.8	11.7	13.6	19.8
N/R	1.9	4.1	6.3	4.0	4.3
Proporciona diversão			1.35		
Concorda	52.2	45.5	40.3	39.4	22.9
Discorda	31.4	37.5	38.2	44.0	54.2
	14.5	12.9	143	11.6	18.2
N/R	1.9	4.1	7.1	5.0	4.6
É imoral/devia ser proibido			150		
Concorda	16.9	20.8	24.9	35.1	51.1
	67.6	63.8	56.3	50.3	27.9
N/S	12.3	9.6	11.7	8.9	17.0
	3.1	5.8	7.1	5.6	4.0
Cria vicios	0.67	Two I	1.76		-
Concorda	34.3	34.0	38.9	49.7	52.8
Discorda	49.0	48.8	39.7	34.1	22.9
N/S	14.5	12.9	15.1	11.9	20.1
N/R	2.2	4.4	6.3	4.3	4.1

se encontrava revestida de doentias misteriosidades e complicados enigmas. A difusão da pornografia ajudaria a transformar o estatuto da sexualidade que, desse modo, deixaria de estar associada ao mistério, ao pecado e à vergonha, e reivindicaria o estatuto de actividade de corpos livres. Os mais prudentes, em contrapartida, questionar-se-ão sobre os efeitos perversos e disfuncionais que uma erotização violenta da sexualidade não deixará de implicar na vida sexual das pessoas.

A sociologia da sexualidade tem produzido teorias que acabam por reproduzir estes atitudes e temores. Para a «teoria catártica» (catharsis theory), a pornografía é uma forma vicária de sexualidade que, libertando desejos reprimidos, amortece comportamentos sexuais agressivos. Para a «teoria modeladora» (modeling theory), o comportamento dos indivíduos acaba sempre por ser reflexo do que eles vêem e lêem. (43) Assim, por exemplo, ao ajudarem a erotizar a violência sexual, os media acabariam por sugestionar um envolvimento neste tipo de cenas, restando saber se esse envolvimento se quedaria pelo mero nível das fantasias. Em caso afirmativo, então as fantasias aliviariam as pressões, dando lugar a um modelo «hidráulico» de sexualidade; caso contrário, haveria mesmo lugar a um modelo «imitação».

Como quer que seja, a irrupção pública da pornografía parece enquadrarse num movimento amplo de crescente desnudamento do íntimo, numa profunda alteração de fronteiras entre a visibilidade e a invisibilidade, o Indecente e o tolerável, o privado e o público. Ora e sabido como a salvaguarda da pornografía desliza do dominio do privado para o domínio do público. Como l'oucault bem nos mostrou, na sua História da Sexualidade, esta constitui uma componente essencial da identidade individual. Num quadro moral traçado por deologías «respeitáveis», a sexualidade dizia outrora respeito ao domínio do privado, ao mundo dos valores pessoais - fora do alcance da promiscuidade nública. A sexualidade era, pois, segregada e separada de outros aspectos do comportamento humano e localizada em espaços privados. Dai a regulamenlação de todas as manifestações periféricas da sexualidade exercidas em espaço público, como aconteceu com a prostituição.(44) Daí, também, o Estado luncionar como guardião da moral privada. O que fundamentalmente preocupava os legisladores criminais era a preservação da ordem pública e da decência e a intensificação do seu controlo.

Ora a pornografía é, hoje em dia, uma expressão do desnudamento do intimo; a sexualidade, na sua forma mais «grotesca», publicita-se; o sexo introduz-se na vída pública. A pornografía tornou-se visível. Ela transforma o

^[44] S. Gordon e C. W. Snyder, Personal Issues in Human Sexuality, Boston, Allyn & Bacon, 1986.
[44] José Machado Pais, A Prostituição e a Lisboa Boémia do séc. XIX aos Inícios do séc. xx, Lisboa, Iditorial Querco, 1985.

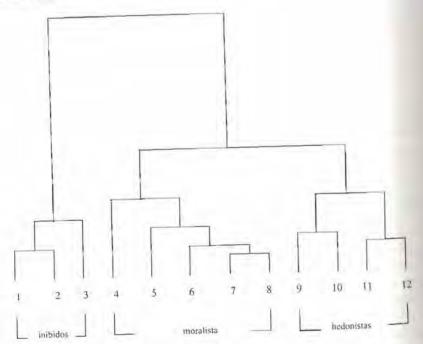
que era próprio da privacidade num espectáculo público. Por estas razões, a pornografia situa-se no centro e nas margens da sociedade contemporânea. No centro, uma vez que ela se constitui em centro de atenções, função de espectáculo na sua descarada visibilidade. Mas margens, porque ela continua a ser representada como ilicitude, mais acentuadamente entre as mais velhas gerações, as mulheres e as camadas sociais economicamente mais desfavorecidas.

10. ANÁLISES FACTORIAIS

O dendrograma relativo ao conjunto dos indicadores da área da sexualidade apresenta 12 principais classes de partição (figura n.º 1).

Dendrograma relativo à área da sexualidade

[FIGURA N.º 1]



Do conjunto das 12 classes de partição do *dendrograma* referido, ganham especial relevância sociológica três agregados que proporíamos como definidores dos seguintes tipos: os *inibidos*, os *moralistas* e os *hedonistas* (figuras n.º1 e n.º 2).

Os *inibidos* (tipo resultante da agregação das classes 1, 2 e 3) definem-se principalmente pela renúncia sistemática a responderem às questões sobre exualidade. As poucas respostas dadas revelam-se, por vezes, contraditórias. Embora tendam, em traços gerais, a não aceitar que um homem ou uma mulher cusados tenham relações sexuais com outros (explicitamente os do grupo 1 enquanto os do grupo 2 não se manifestam), dividem-se em relação a outros indicadores seleccionados: o grupo 1 tende a reprovar a homossexualidade musculina e feminina, a prostituição e a masturbação masculina, discordando de que a pornografía possa contribuir para melhorar a vida sexual; o grupo 3, em contrapartida, mostra-se tolerante com a homossexualidade e a masturbação musculina e feminina; aceita que uma mulher possa pagar para ter relações sexuais; e – mais contraditoriamente ainda – concorda que a pornografía pode niclhorar a vida sexual, para além de proporcionar diversão, muito embora defenda que ela é imoral e deveria proibir-se, dado o reconhecimento dos vícios associados.

Partições do dendrograma, relativo aos indicadores da área da sexualidade e respectivas classes de partição

[FITURA N.º 2]

					C	lasse	25					
Indicadores	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	\mathbf{n}	1
exo não tem sentido sem amor						4	•	•	•		4	4
1 exo tem sentido pelo prazer									•		•	4
668, N/R	A	A	A	4								
luciações sexuais só entre homens e mulheres	10				4	4	•	Á	4	•		
indos os tipos de relacionamento sexual											A	1
0/5, N/R		A	A	A								1
liduções sexuais só depois de casado					A		•					
liduções sexuais antes do casamento					A	4						12
HIS, N/R	A	4	A	•								
Adultério tolerável		H			4							1
Adultério reprovável					7	4	A	•				ľ
N/S, N/R	•			•								
nuzer sexual		100	B		A					4	4	
amor entre parceiros					4	A	A	4		4		1
domínio das técnicas sexuais					-			-				1
											A	
satisfação sexual do parceiro						A	À			A		1
iii gasmo									A			
atisfação de necessidade biológica					4		4				A	
ter filhos					A	A	A					
Envolvimento romântico							4	A				
não apanhar SIDA ou doenças venéreas			1		A				4	•		1
não provocar gravidez indesejada										4		
N/S, N/R		4		4								

Indicadores	-				-	lasse	1	1		100	_	-
THURSDAY TO SEE THE SECOND SEC	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	1
Rel. sexuais: necessário ser casado com a pessoa			1		•		•	•		_	1	
Rel, sexuais: necessário viver com a pessoa						•				Ш	Щ	
Rel. sexuais: necessário ser namorado						A		A			•	
Rel. sexuais: necessário que se amem					•	•			•		•	
Rel. sexuais: suficiente que se conheçam											•	
Rel. sexuais: suficiente que se desejem									4			1
Rel. sexuais: suficiente desejar passar bom bocado												1
N/S, N/R	•	Δ	•	4			4					
Já teve relações sexuais							•			A	A	1
Não teve relações sexuais				•	•							ı
N/R	•	A			•							ı
Iniciação sexual aos 10-15 anos	15	П										
			1				-					F
Iniciação sexual aos 16-20											-	1
Iniciação sexual aos 21 e mais						-				-		
N/R	•	•		•	^							١.
Iniciação sexual com amigo/a	1			Н	-	-			•	•	•	E
Iniciação sexual com namorado/a						-	-	-	•		•	Ľ
Iniciação sexual com noivo/a		-			•	•	•	A	•		- 00	
Iniciação sexual com esposo/a					•	•	•	A	100			
Iniciação sexual com desconhecido/a										•		L
N/S, N/R		•		•								
Não teve rel, sexuais com mais nenhuma pessoa						•	•	•				
Só com mais uma											1	
De 2 a 5											_	
De 5 a 10												1
De 10 a 20	1								. 3	A		1
Com mais de 20										A		1
N/S, N/R		•										
Já teve relações sexuais num carro			E	-	-					A	A	1
		-									N	7
Na praia												1
No campo, ao ar livre		10			-					1	H	
Em sua casa					-		-		•			
Em casa dos seus pais			-		-	•		-				b
Em casa dos pais do(a) companheiro(a)									^	^	A	b
Em casa de outras pessoas				H	-				_	•		6
Num hotel			F	-		•		•	•	•	•	Ě
Em jardins				-			-			A	-	6
Na escola		Ш								3	-	E
Num comboio		Ш								1.5		
Na rua					Ш					•		Ľ
Na escada de um prédio										•		E
Num local de prostituição											-	
Noutro local									13			
N/S, N/R	•	•							1			
Nunca usou métodos contraceptivos							4	A				
Usa raramente								1		A		1
					A					17		1
Usa frequentemente					1							
N/S, N/R				-						A		
Não usa porque não sente prazer		-						-	-		15	

Indicadores		Classes											
*		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	I
É embaraçoso de comprar										17			†
Sao caros													1
Não tem relações sexuais frequentes	- 1												1
rem medo que os pais descubram													1
rensa que e errado moralmente													1
O(a) companheiro(a) não gosta												-	1
Nao tem necessidade					7					•		-	ı
N/S, N/R		1						-	•	•	•		1
A SIDA reflecte a decadência moral		1						A					ı
um castigo de Deus		1		-				^	-		•		L
uma vingança da natureza contra os depravados .			-			-	-	•	-			1	L
uma doença normal como outra qualquer			-	-		-		-	_	_	-		L
Vão sabe bem o que é a SIDA			-			-	-						1
N/S, N/R			-		A	-	_	A					
Aceitavel homem casado ter rel. sexuais com outras	+	1	-	A	A	-	_	_					L
Tag aceitável	1			4				_		A	A		4
Vão aceitável		1	-	_		A		A					
S, N/R		1			A								
ceitável mulher casada ter rel. sexuais com outros		-									A		1
lão aceitável	•	-			_	4		A .	A		T		-
S, N/R		-			A								
ceitável 2 homens terem relações entre si											1	.	-
do aceitável	•										. '		-
//b, N/R							1	1	-	1	-		
cettavel 2 mulheres terem relações entre ci				1				1		.			
aceitavel	•								1		. '		^
D, N/R							1	-		1		-	
itavel um homem masturbar-se		7						+					
aceitavel	•		1		١.		1	+	4		1		٨
(a, N/K						١.	1		-			-	
ceitável uma mulher masturbar-se			١.	1	-	1	-	4	N	-	-	-	
io aceitável			1	-	-	-	46	1	4		4	1	٨
/8, N/R			-		^	-	4			-			
citável um homem pagar para ter rel. sexuais		•		-	-	A	-	-					
o aceitável	-				1	-	-		4				
S N/R	•	-			A		-				A	1	
S. N/R		•		-									
mitável uma mulher pagar para ter rel. sexuais			•		-								
o aceitável	A											1	
S, N/R		•		A									
ncorda que a pomografia pode melhorar vida sexual			•									١.	
o concorda	A					•				1-	-		
2; IV/K		A		•			1	1-		1			
da que a pomografia proporciona discara			•								1.	1.	
Concorda										-	-	^	-
3, IN/R				À		-		-	1				
				-								1	
						-	^	_	100		=		
1 17/K				-	-				A	-	•	•	ł
	1							-			-	-	
Concorda	1					•	•	-					
, N/R		-	-						-	•	•	-	

A postura mais liberal do grupo 3 deve-se nomeadamente ao facto de ser constituído principalmente por jovens (dos 15 aos 29 anos), todos eles solteiros, com níveis de habilitações que, na sua diversidade, chegam a atingir o ensino superior. A recusa de resposta às questões da sexualidade se não se compreende muito bem no caso do grupo 3, adivinha-se com facilidade no caso dos grupos 1 e 2 (figura n.º 3): no primeiro, estamos perante inquiridos que se evidenciam por terem mais de 40 anos (alguns reformados), serem casados (nalguns casos, domésticas) e analfabetos ou apenas com o nível de instrução primária (em 52% dos casos); no segundo grupo temos a figura tradicional da mulher (peso de 80% no grupo considerado) que (em 55% dos casos) é dona--de-casa; os casados pela igreja (63% dos inquiridos que fazem parte deste grupo) e de residentes em pequenas localidades de 200 a 500 habitantes (é o que acontece com 27% dos elementos que constituem o grupo 2) ou Norte do país (em 68% dos casos).

Os moralistas (tipo resultante da agregação dos grupos 4, 5, 6, 7 e 8) caracterizam-se por aderirem a um padrão atitudinal de base solidamente moralista: de um modo geral, tendem a aceitar relações sexuais apenas entre homens e mulheres e após o casamento; reprovam o adultério; nas relações sexuais valorizam sobretudo o amor entre parceiros, o nascimento dos filhos e o envolvimento romântico; impõem condições necessárias para que duas pessoas possam ter relações sexuais (que sejam casadas, que coabitem, que namorem ou, pelo menos, que se amem); a iniciação sexual tende a fazer-se (nomeadamente nos grupos 6, 7 e 8) aos 21 ou mais anos, quer com o noivo/a quer com o esposo/a, isto é, nos «alpendres» do matrimónio; não tiveram relações sexuais com mais ninguém para além do parceiro/a com quem se iniciaram. No caso particular dos inquiridos dos grupos 7 e 8 – que se caracterizam por serem integrados por idosos - os traços de marca são: não há recurso a preservativos, designadamente por não haver necessidade (note-se que predominam as viúvas nestes dois grupos); em relação à SIDA não sabem o que ela representa; não aceitam que um homem casado (muito menos uma mulher casada!) tenha relações extra-conjugais; não toleram (ou recusam responder a questões que versam sobre) comportamentos sexuais que fogem ao padrão moral do que considerarão ser uma sexualidade «normal», isto é: não aceitam a homossexualidade, a masturbação e a prostituição; finalmente, em relação à pornografia, rejeitam-na com base em todas as fundamentações possíveis.

A sociografia dos moralistas (figura n.º 3) aponta para um universo típico: o das donas-de-casa. Outro traço que os caracteriza é o baixo nível de instrução. Encontram-se também excluídos do mercado de trabalho (atente-se na relevância das domésticas e dos reformados). Nos grupos de pendor mais moralista (6 e 7) tem algum significado o peso das viúvas e residentes no Alentejo. Entre

Classes de partição do dendrograma relativo aos indicadores (variáveis nominais activas) da área da sexualidade, em correspondência com as variáveis de caracterização

Classes	Grupo etário	Sexo	Situação Conjugal	Situação perante trabalho	Nível de instrução	Habitat	Região	Profissão
1	40 - 49 55 - 59 65 - 74		C. Igreja C. Civil	Doméstica Reformado	Primária Analfabeto		Lisboa e V. Tejo Algarve	Comerciante
2		F	C. Igreja			200-500	Norte	Dona-de- -Casa
3	15 - 29	М	Solteiro	Estudante Desemp.	9.º ano Ciclo Superior	3000-106.000 1000-2000	Lisboa e V. Tejo	Trab. Independente Emp. Serviço
4		F			Ciclo	100-200 200-500	Norte	
5	15 - 19	E	Solteira	Estudante Doméstica	9.0			Dona-de-Casa
6		F	C. Registo	Doméstica Reformado	Primária Analfabeto		Centro Algarve	Dona-de-Casa
7.	50 - 54 65 - 74	F	Viúva C. Registo C. Igreja	Reformado Doméstica	Primária	500-1000	Alentejo	Dona-deCasa
M	65 - 74	F	Viùva	Doméstica	Analfabeto Primário		Alentejo	Dona-de-Casa Reformado
9	25 - 29	М		Desemp.	9.0			Conta propria
10	35 - 39 50 - 54	M			Primária			Proprietário Operário Qualificado Comerciante Agricultor /Pescador
11	20 - 29		Solteiro Coabitante	Estudante	9.º Sec. Unif. Superior	100.000- -500.000 3000- -100.000		Conta propria Empregado escritório Serviços Quadro médic Comerciante
12	20 - 29	М	Solteiro		10.º 9.º Ens. Médio			Conta própria Quadro médio

estes, o que estará em causa não é necessariamente uma moral de raiz religiosa ou católica, mas uma ética moral de natureza culturalista e comunitarista. Notese que no grupo 7 encontramos 77% de inquiridos que só conheceram um parceiro sexual e que 70% deles acham o adultério reprovável – percentagem que, no grupo 8, sobe para 80%.

Finalmente, temos os hedonistas, deles fazendo parte os grupos 9, 10, 11 e 12. No sexo tendem a valorizar o prazer; de um modo geral aceitam todos os tipos de relacionamento sexual; defendem abertamente as relações sexuais antes do casamento e mostram-se tolerantes com o adultério. Traço de distintividade dos hedonistas é a valorização do orgasmo. Mas de um modo geral tendem também a valorizar – com excepção da procriação – todas as funções, manifestações, desfrutes ou temores associadas à sexualidade: prazer, amor entre parceiros, domínio das técnicas sexuais, erotismo, satisfação sexual do parceiro, satisfação de uma necessidade biológica, envolvimento romântico, receio de apanhar SIDA e de provocar gravidezes indesejadas.

Entre os hedonistas ganha relevância a experiência sexual e evidencia-se uma iniciação sexual precoce, tendencialmente feita com amigos/as e namorados/as e que se multiplica em vários relacionamentos sexuais. Ao pesarem as condições necessárias e as suficientes para que dois parceiros tenham relações sexuais, inclinam-se para a valorização das condições mais facilitadoras do relacionamento sexual, isto é, das «suficientes».

Outro traço característico dos hedonistas é a diversidade de locais em que já tiveram relações sexuais. Talvez que este traço seja específico de grupos que estarão na vanguarda da chamada sociedade «pós-moderna» ou «paradigmática», assente, como sugere William Simon, numa intensa pluralização, individualização e multiplicidade de escolhas. (45) Como quer que seja—por necessidade (recurso) ou por desejo (opção), vá lá saber-se—os hedonistas experimentaram já relações sexuais em carros, na praia, no campo, em casa (própria, dos pais, do parceiro/a, ou de pessoa conhecida), hotéis, jardins, escolas, ruas, escadas de prédios e locais de prostituição.

Aparentemente estranha-se que entre os hedonistas dos grupos 9 e 10 se rejeite o uso de preservativos. No entanto, parece, aqui também, ser uma lógica de prazer a determinar tal recusa. Pelo menos alguns dos inquiridos apontam como razão de rejeição do preservativo a falta de prazer (própria ou do companheiro/a). Os hedonistas são também os que mais aceitam as relações extra-conjugais, a prostituição e a homossexualidade (neste caso, com excepção do grupo 10). A aceitação da masturbação – masculina ou feminina – é também um traço característico dos hedonistas, em percentagens que oscilam entre 60% e mais de 80%. E compreende-se porquê. Os interditos masturba-

inrios ou os correspondentes discursos inibitórios são metáforas de regimes disciplinadores da sexualidade. Para muitos sexólogos, a masturbação é apenas uma forma de experimentação da sexualidade, através de pensamentos, desejos, gratificações. (46) Como tal, ela tem cabimento numa ética hedonista. Pelas mesmas razões, os hedonistas mostram-se favoráveis a todos os predicados que valorizam a pornografía.

Por contraste com os moralistas (tipo marcadamente feminino), aos Medonistas corresponde um perfil de masculinidade. Outras relevâncias conmastantes apontam para o facto de estes últimos serem mais instruídos e mais invens. Contudo, adquire alguma singularidade o grupo 10, o qual mais gracteriza o hedonista machista. Tendo um nivel cultural muito baixo (têm neste grupo relevância os que, em cerca de 60% dos casos, possuem apenas instrução primária), e com idade compreendida entre os 35 e 54 anos, o medonista machista tanto pode ser um proprietário, como um operário qualifleado, um comerciante, um agricultor ou um pescador. Parecendo aliar o domínio das técnicas sexuais à valorização do orgasmo, os hedonistas machisconsideram que para dois parceiros terem relações sexuais é suficiente que conheçam, se desejem ou busquem apenas passar um bom bocado - como se na arqueologia do desejo fizessem assentar toda a vivência sexual. Como corolário, brilham pelo número de parceiras com quem (dizem) se relacionam: mais de 20 nalguns casos e, noutros, perderam-lhe a conta. A iniciação exual do hedonista machista dá-se dos 10 aos 15 anos envolvendo, de forma mais recorrente uma amiga (27% dos casos) ou desconhecida (54% dos casos), eventualmente prostituta. Aliás, é entre eles que mais se distingue a frequência le locais de prostituição (visitados por 45% dos inquiridos deste grupo) e accitam que um homem (não uma mulher!) pague para ter relações sexuais. Contudo, não usam preservativos porque, alegadamente, lhes retira prazer. De entre os grupos agregados na tipologia de hedonista, os machistas (grupo 10) no os únicos a não aceitarem explicitamente a homossexualidade, nomeadamente a homossexualidade masculina, rejeitada por mais de 90% dos membros deste grupo. Ou seja, o seu machismo impõe limites ao hedonismo Ibertário.

Os grupos 11 e 12 parece definirem um hedonismo substantivamente mais cultivado. Este sub-agregado tem presença marcante de jovens (20 a 29 anos) com nível de instrução que chega a atingir o ensino médio ou superior. Alguns tiveram a sua iniciação sexual na escola. São os únicos a vincarem de forma mais clara que a SIDA é uma doença como outra qualquer. Acham intolerável que um homem tenha de pagar para ter relações sexuais não certamente por razões morais (como acontecerá com os moralistas) mas

⁽⁴⁶⁾ J. L. Kaplan, Adolescence: The Farewell to Chlidhood, New York, Jason Aronson, 1988.

por razões simbólicas (acharão, provavelmente, desprestigiante o recurso à prostituição).

Finalmente, tomando o conjunto dos indicadores da área da sexualidade como *variáveis activas* definimos, a partir das 12 classes de partição, 3 principais agregados que, por sua vez, apontam, idealmente, para três gerações: a *geração do 25 de Abril*, compreendendo os inquiridos nascidos entre 1971 e 1980, com idades compreendidas entre os 15 e 34 anos; a geração da *Grande Guerra*, comportando os inquiridos nascidos antes de 1941, isto é, com mais de 54 anos; e, finalmente, uma *geração de transição* da qual fazem parte os inquiridos dos 35 aos 54 anos (figura n.º 4).

Caracterização dos grupos etários pelos indicadores (variáveis activas) da área da sexualidade

[FIGURA N.º 4]

Classes											_	
Indicadores	15- -19	20- -24	25- -29	30- -34	35- -39	40- -44	45- -49	50- -54	55- -59	60- -64	65- -69	70- -74
O sexo não tem sentido sem amor				1			-					
O sexo tem sentido pelo prazer	•	•										
N/S N/R				1								
Relações sexuais só entre homens e mulheres				1								
Todos os tipos de relacionamento sexual	•		-	-						4	A	4
N/S N/R										1		1
Relações sexuais só depois de casado		-	1.	1	1					I		
Relações sexuais antes do casamento	•	-	-	1								1
N/S. N/R		1		1				1				
Adultério tolerável		-		1								1
Adultério reprovável	-		1	-								L
\' S, N/R		1.	1	1.			1					
+ prazer sexual	^	^	+	-		1					1	
+ amor entre parceiros		-	1									
+ domínio das técnicas sexuais	-	+	1									
+ erotismo			-	4								1
+ satisfação sexual do parceiro	-	1.	1.	1								1
+ orgasmo		^		-	+							1
+ satisfação de necessidade biológica	- 1	-		1								
+ ter filhos		-	1									
+ envolvimento romântico			4	1								
+ não apanhar SIDA ou doenças venéreas			1					-				
+ não provocar gravidez indesejada	4		1	1				-				4
N/S N/R		-					1					1
Rel sexuais: necessário ser casado com a pessoa	a	1										В
Rel sexuais necessário viver com a pessoa			-		1							
Rel sexuais: necessário ser namorado	+=	1		7	1							
Del sexuais necessário que se amem												
Rel. sexuais: suficiente que se conheçam	-1		- 1	,	-							
(continua)												

ontinuação)						Cla	sses					
Indicadores	15- -19	20- -24	25- -29	30- -34	35- -39	40- -44	45- -49	50- -54	55- -59	60-	65-	70
Rel. sexuais: suficiente que se desejem			•	•								
Rel. sexuais: suficiente desejar passar bom bocado		•										
N/S, N/R												
Já teve relações sexuais						À					•	
Não teve relações sexuais												-
N/R			A									
Iniciação sexual aos 10-15 anos	1		•									
Iniciação sexual aos 16-20												
Iniciação sexual aos 21 e mais												
N/R												-
Iniciação sexual com amigo/a												
Iniciação sexual com namorado/a												
Iniciação sexual com noivo/a										M.		
Iniciação sexual com esposo/a												
Iniciação sexual com desconhecido/a												
N/S, N/R												
Não teve rel. sexuais com mais nenhuma pessoa												
5ó com mais uma												-
De 2 a 5												
De 5 a 10		_	-									-
De 10 a 20		-										
Com mais de 20												
N/S, N/R				4								
				•			^		•		-	-
la teve relações sexuais num carro		A	•	•							-	
Na praia		^	^									
No campo, ao ar livre									7			
Em sua casa		-					^					
Em casa dos seus pais												-
Em casa dos pais do(a) companheiro(a)		A										
Em casa de outras pessoas	-	•	•									
Mum hotel				^	^							
Em jardins	-		^	-								
Na escola	-	=	•									
Num comboio												
Na rua			•									
Na escada de um prédio			•					-				
Num local de prostituição			-					•				
Nonro local	•		•								-	
N/S, N/R						A	A		•	•		^
Nunca usou métodos contraceptivos								•			^	^
Usa raramente								-				
Usa frequentemente		A	A	•		-			Vo	7	12	-
N/S, N/R					•	•	•		•		•	^
Não usa porque não sente prazer					-				-	-		-
E difficil de usar												-
E embaraçoso de comprar	-	-								-		
São caros									-	19		
Não tem relações sexuais frequentes	1					-						-

continuação)	Classes											
Indicadores	15- -19	20- -24	25- -29	30- -34	35- -39	40- -44	45- -49	50- -54	55- -59	60- -64	65- -69	70
Pensa que é errado moralmente										128		
O(a) companheiro(a) não gosta												
Não tem necessidade											4	
N/S, N/R												1
A SIDA reflecte a decadência moral		Ш										
É um castigo de Deus												
É uma vingança da natureza contra os depravados												
É uma doença normal como outra qualquer		4	A	•								
Não sabe bem o que é a SIDA			-									
N/S, N/R												ŀ
Aceitável homem casado ter rel. sexuais com outras												ľ
Não aceitável												
N/S, N/R											7	
Aceitável mulher casada ter rel. sexuais com outros .		•										
				-							()	
Não aceitável												
N/S, N/R	1					-		-				
Aceitável 2 homens terem relações entre si											7	L
Não aceitável									•	•	•	K
N/S, N/R							-					
Aceitável 2 mulheres terem relações entre si		•	•		-							L
Não aceitável	- 1				-31	-			A	•		2
N/\$, N/R	-		-		-			-		1		
Aceitável um homem masturbar-se		A .	•	A .	-							
Não aceitável	-								•	A	A	E
N/S, N/R	1	-		-	-	4		-				
Aceitavel uma mulher masturbar-se	-	•	•	A	_				-3	140		
Não aceitável	1 6							-0.	•	A	A.	4
N/S, N/R	- 6											
Aceitável um homem pagar para ter rel. sexuais	- 1											
Não aceitável									•			
N/S, N/R	-2	•										
Aceitável uma mulher pagar para ter rel. sexuais				A								
Não aceitável									4			
N/S, N/R										-		1
Pornografia pode melhorar vida sexual			À	A								
Não concorda			170								A.	2
N/S, N/R					•							
Concorda que a pomografia proporciona diversão	•		A							b		
Não concorda										A		1
N/S, N/R												
Concorda que a pornografia é imoral, deveria												
proibir-se										A		1
Não concorda		A								1	1	
N/S, N/R		2		1								1
Concorda que a pornografia cria vicios												
Não concorda										H		
N/S, N/R		100		-					1		4	1

Em traços gerais, podemos dizer que a geração de transição perfila-se de uma forma híbrida, justificando-se, pois, que o contraste se faça entre as gerações que se polarizam na estrutura demográfica: a geração de Abril e a geração da Grande Guerra. A primeira corresponde ao modelo anteriormente definido cumo hedonista: os seus membros valorizam o prazer no sexo, todos os tipos de relacionamento sexual e as relações extraconjugais. O escalão dos 25 aos 29 anos caracteriza-se, em particular, por uma iniciação sexual precoce — o que não acontece com a geração da Grande Guerra cujo traço de distinividade, neste aspecto, é a iniciação com mais de 20 anos.

Por sua vez, as relações sexuais aparecem subordinadas, para a geração de Abril, a uma lógica de desejo; os primeiros contactos sexuais são tidos na esfera das amizades e namoro e a vida sexual desenvolve-se nos mais diversificados locais; em contraste, na geração da Grande Guerra a iniciação sexual faz-se na esfera matrimonial ou, então, com desconhecidas ou prostitutas; para os que chegam virgens ao casamento a tendência é para não se relacionarem com mais nenhum parceiro.

Enquanto que para a geração de Abril o uso de preservativos se encontra generalizado, a geração demograficamente oposta não os usa, alegadamente por fatur de necessidade. Os mais jovens encaram a SIDA como uma doença qualquer enquanto os mais velhos não sabem bem o que ela representa. Homossexualidade e musturbação são práticas não aceitáveis pelos mais velhos mas toleradas pelos mais novos (a partir dos 20 anos). Finalmente, em relação à pornografía, os mais jovens tendem a concordar justamente com o que os mais velhos discordam: que a pomografía pode melhorar a vida sexual e proporcionar diversão; os mais novos tendem também a rejeitar que a pomografía crie vícios ou que tenha de ser proibida.

1) SINTESE CONCLUSIVA

Os dados do Inquérito sugerem que a sociedade portuguesa se encontra atravessada por importantes e significativas clivagens sociais quando se discutem as representações sobre a sexualidade e a vida amorosa. Poderíamos ser levados a concluir que, num país de raízes católicas, as respostas (incluindo as não-respostas) de uma boa parte dos inquiridos – que tipologizámos de moralismo — esboçam um relativo compromisso ideológico com as posturas do catolicismo em relação a temas controversos como o adultério, a homossexualidade, a prostituição ou a pornografia. Contudo, ao estudarem-se diferentes formas de puritanismo sexual, é corrente confundirem-se as prescrições morais com as condutas sexuais. (47) As ideologias e valores que se produzem a propósito

Carrol Smith-Rosenberg, «Sex as symbol in victorian purity, in Jeffrey C. Alexander e Steven Scidman (Eds.), Culture and Society. Contemporary Debates, New York, Cambridge University Press, 1900, pp. 160.170.

do sexo podem não corresponder às práticas do mesmo. Se as ideologias ou prescrições morais fossem seguidas à risca os católicos não teriam necessidade da instituição do confessionário. Neste sentido, não estamos certos de que os inquiridos nos tenham respondido com absoluta sinceridade às questões levantadas. Responderam em função das suas práticas reais ou de prescrições morais?

Há dados do Inquérito que apontam para uma valorização da dimensão erótico-hedonista da sexualidade, sem que propriamente se possa dizer que ela colida com a importância que os inquiridos – nomeadamente os mais jovens –, de facto, atribuem à dimensão amorosa. Tratar-se-á de um *revival* do discurso amoroso? De uma reactivação do afecto por simulação amorosa? De uma reinvenção do amor causada pela libertação do desejo e do prazer? Será que, para as jovens gerações, esta aparente onda de «neo-romantismo» é contra-marê de uma dessublimação repressiva?

É certo que o erotismo envolve, por vezes, lógicas de transgressão ameacadoras da estrutura conjugal. É provável, também, que os comportamentos e sentimentos associados à vida sexual e marital se estejam a converter - nomeadamente entre as jovens gerações - em algo de flutuante, movediço, instável, O grande continente da normalidade sexual, cercado por pequenas ilhas de desordem, parece ter-se transformado num arquipélago plural e diversificado de estilos de comportamento sexual. Dado interessante, este, o de a sexualidade ter sido descoberta como um elemento estruturador de um estilo de vida. Por outro lado, como vimos, há uma considerável heterogamia entre os mais jovens dos inquiridos. A maior parte dos jovens - com as mulheres a aproximarem-se tendencialmente dos homens - chegam ao casamento transportando uma bagagem substancial de experiência e de conhecimentos sexuais. Entre as mais velhas gerações, a actividade sexual era entendida como um comportamento adulto. Hoje em día, a iniciação sexual ocorre normalmente na adolescência. Por outro lado, agora que o nascimento dos filhos pode ser controlado e até produzido artificialmente, a sexualidade tornou-se mais autónoma, ao contrário do que acontecia antigamente, quando o controlo dos nascimentos resultava de uma exagerada disciplinada do prazer. Contudo, a informação disponível não nos permite prognosticar uma desconjugalização do matrimónio, ainda que a iniciacão sexual seja encarada como normal fora do contexto matrimonial e a dimensão procriativa seja fracamente associada às relações sexuais.

Os dados do Inquérito realizado sugerem que a sexualidade se encontra socialmente sustentada por uma variedade de linguagens e representações que nos mostram que ela é diferentemente olhada e vivida pelos portugueses. Estas distintas linguagens e representações da sexualidade derivam de diferentes práticas educacionais que se cruzam com diferentes ficções românticas e eróticas, diferentes desejos e temores, diferentes expectativas e (des)ilusões. Falando das principais diversidades sociais registadas, destacaríamos a importância – para além da instrução e do status social dos inquiridos – das variáveis de género e de geração na análise das vivências sexuais pesquisadas. De facto,

os dados do Inquérito permitem-nos falar tanto de uma sexualidade de género como de uma sexualidade juvenil.

Ficou demonstrado que o estudo da sexualidade é importante para a compreensão das articulações complexas que se estabelecem entre biologia, género e sociedade. Embora as diferenças anatómicas entre homens e mulheres ejam óbvias, as normas e comportamentos sexuais, no seu sentido mais social, transformam o sexo em género. Aliás, não é por acaso que a sexualidade está para o «feminismo» assim como a força de trabalho estava para o «marxismo» (48) justamente porque o feminismo identifica a sexualidade como uma «função social» onde se exercita o poder masculino. É nesta perspectiva que podemos dizer que as mudanças nos comportamentos sexuais que, talvez, maiores repercussões tiveram, ou virão a ter, sejam aquelas que possibilitam uma maior autonomia sexual feminina, embora as consequências destas mudanças para a sexualidade masculina sejam também evidentes.

Finalmente, os jovens parecem ser transportadores de uma nova ética soxual, bastante mais desinibida ou tolerante do que aquela que caracteriza as gerações que lhe precedem. Dir-se-ia que - mas trata-se de uma hipótese a merecer melhor aprofundamento em investigações posteriores - enquanto as mais velhas gerações se encontram orientadas por valores que radicam num idrário de colectivismo societal, as mais jovens gerações abraçam valores mais flutuantes que assentam num individualismo societal. (49) No primeiro caso parece dur-se uma subordinação das aspirações individuais a causas colectivas: os ducitos sociais, as identidades comunitárias, as dependências emocionais. No se nundo caso dar-se-ia uma subordinação das causas colectivas às aspirações individuais: realização pessoal, direitos privados, iniciativas individuais. Ora esses dois quadros de valores sustentam, possívelmente, duas diferentes éticas se mais. Entre as gerações mais velhas, o ideário de colectivismo societal dá cobertura a uma ética sexual conservadora, defensora do matrimónio institucionol, da estrutura familiar tradicional, das ligações duradouras, de um puritanismo sexual. Entre as gerações mais jovens - e porque a «modernidade» se a-socia a uma «cultura da separação» - 100 o ideário do individualismo societal e unia mais conectado com uma ética sexual experimentalista e fragmentada omle há lugar para ligações fugazes e românticas; experiências pré-matrimoniais e mabitacionais; iniciações sexuais precoces e relações heterogâmicas; sendo, finalmente, observável uma relativa tolerância a diversas formas de sexualidade socialmente ou ideologicamente consideradas mais «periféricas».

³³⁰ C. A. Mackinnon, «Feminism, marxism, method and state: an agenda for theory», in Signs, 1982, 7, 198, 515-544.

Os conceitos são desenvolvidos por Karen K. Dion e Kenneth L. Dion, «Individualistic and confectivistic perspectives on gender and the cultural context of love and intimacy», in *Journal of Social Insex*, 1993, vol. 49, n.º 3, pp. 53-69.

R. Bellah, Hábitos del Corazón, Alianza, Madrid, 1989, p. 215.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERONI, Francesco. O Erotismo, Bertrand Editora, Venda Nova, 1992.
- ALFERES, Valentim R., Encenações e Comportamentos Sexuais. Para uma Psicologia Social da Sexualidade, Porto, Edições Afrontamento, Centro de Estudos Sociais, 1997.
- BEAUVOIR, S., The Second Sex, Harmondsworth, Penguin, 1972.
- Bejin, A., Le Nouveau Tempérament Sexuel, Paris, Éditions Kiné, 1990.
- Bénn. André, «La masturbation féminine en France. Un exemple d'estimation et d'analyse de la sous-déclaration d'une pratique», in *Population*, 5, 1993.
- Bellan, R., Hábitos del Corazón, Madrid, Alianza, 1989.
- Bertusonn, M., «Love's Labour Lost? A Sociological View», in Theory, Culture and Society, 1968, 3, 2.
- Bozon, Michel, «Les femmes et l'écart d'age entre conjoints. Une domination consentie», in *Population*, 2, 3, 1990.
- Bozon, Michel, «L' entrée dans la sexualité adulte: le premier rapport et ses suites», in Population, 5, 1993.
- Bullough, Vern L., Sex, Society and History, New York, Science History Publications, 1976.
- CICONE, M. V. e RUBLE, D. N., «Beliefs about Males», in Journal of Social Issues, 34 (1), 1978.
- Crair, Ian, «Some comments on the sociology of the emotions», in Sociology, vol. 29. Fevereiro de 1995.
- DARLING, C., KALLEN, D. e VAN DUSEN, J., «Sex in Transition of Youth and Adolescence». in Journal of Youth and Adolescence, 13, 1984.
- DeLamater, J., «Gender differences in sexual scenarios», in Kelley (Ed.), Females, Males and Sexuality: Theories and Research, Albany, State University of New York Press, 1987.
- DION, Karen K. e DION Kenneth L., «Individualistic and collectivistic perspectives on gender and the cultural context of love and intimacy», in *Journal of Social Issues*, 1993, vol. 49, n.° 3.
- Foucault, Michel, Historia de la Sexualidad, Madrid, Siglo Veintiuno de España Editores. 1980.
- Francis e Bush, L., «What we know about 'I don't knows'», in *Public Opinion Quarterly*. 39 (2), 1975.
- Gerth, Hans e Wright, Mills C. (Eds.), From Max Weber, London, Routledge and Kegan Paul, 1948.
- GIAMI, Alain, «Partial non-response and 'don't know' responses in surveys on sexual behaviour», in Social Science Information, 35, 1, 1966.
- GIDDENS, A., The Transformation of Intimacy, Cambridge, Polity Press, 1992, (tradução portuguesa pela Celta, Oeiras, 1995).
- GORDON, S. e SNYDER, C. W., Personal Issues in Human Sexuality, Boston, Allyn & Bacon. 1986.
- GROSS, A. E., «The male role and heterosexual behaviour», in *Journal of Social Issues*. 34 (1), 1978.

- Guash, Oscar, «Para una Sociología de la Sexualidad», in Revista Española de Investigaciones Sociológicas, n.º 64, Outubro/Dezembro de 1993.
- Hood-Williams, John, «Goodbye to sex and gender», in *The Sociological Review*, vol. 44, n.º 1, Fevereiro de 1996.
- JACKSON, Stevi, «Even sociologists fall in love: an exploration in the sociology of emotions», in Sociology, vol. 27, n.º 2, Maio de 1993.
- KAPLAN, J. L., Adolescence: The Farewell to Chlidhood, New York, Jason Aronson, 1988.
- LAGRANGE, Hugues, «Le nombre de partenaires sexuels: les hommes en ont-ils plus que les femmes?», in *Population*, 2, 1991.
- LUHMANN, N., L'Amour Comme Passion, Paris, Flammarion, 1991.
- MACKINNON, C. A., «Feminism, marxism, method and state: an agenda for theory», in Signs, 1982.
- MASTERS W. H.; JOHNSON, V. E. e KOLODNY, R. C., Amour et Sexualité, Paris, Intereditions, 1987.
- OAKLEY, Sex, Gender and Society, Hampshire, Gower Publishing, 1985.
- Pais, José Machado (coordenação científica), *Práticas Culturais dos Lisboetas*, Lisboa, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Estudos e Investigações, 1, 1994.
- País, José Machado, A Prostituição e a Lisboa Boémia do séc. xix aos Inicios do Séc. xix, Editorial Querco, Lisboa, 1985.
- PARKER, Richard et al (Org.), A AIDS no Brasil, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.
- PLECK, Joseph H.; Sonenstein, Freya L. e Leighton, C., «Masculinity Ideology: Its impact on Adolescent Males' Heterosexual Relationships», in *Journal of Social Issues*, vol. 49, n.º 3, 1993.
- BADWAY, J., Reading the Romance, London, Verso, 1987.
- DUSSEL, L. e BOURGUIZNON, O., Générations Nouvelles et Mariage Traditionnel. Enquête de Jeunes de 18-30 Ans, Paris, INED, 1978.
- He AN, Joanna (Eds.), Sex and Love: New Thoughts on Old Contradictions, London, Women's Press, 1983.
- Salay, J., Romantic Love and Society, Harmondsworth, Penguin, 1983.
- 5000x, William, Postmodern Sexualities, London e New York, Routledge, 1996.
- 5 ELY, François de (Dir.), La Famille. L'État des Savoirs, Paris, La Découverte, 1991.
- Serrey, François de, «La Gestión Social de los Silencios», in Revista Española de Investigaciones Sociológicas, n.º 17, 1982.
- Shitth-Rosenberg, Carrol, «Sex as symbol in victorian purity, in Jeffrey C. Alexander e Steven Seidman (Eds.), Culture and Society. Contemporary Debates, New York, Cambridge University Press, 1990.
- Though, L., «Social constructionism and the study of human sexuality», in P. Shaver & C. Hendrick (Eds.), Sex and Gender, Beverley Hill, Sage, 1987.
- M. LSH, Robert H., «Premarital sex among teenagers and young adults», in Kathleen Mckinney e Susan Specher (Ed.). Human Sexuality. The Societal and Interpersonal Context, New Jersey, Ablex Publishing Corporation, 1994.